



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE ARTES  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA

**A construção de preferências musicais na infância:  
um estudo com Mateus (sete anos de idade)**

Uberlândia, junho de 2021.

CAROLINA CASON DA SILVA

**A construção de preferências musicais na infância:  
um estudo com Mateus (sete anos de idade)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em cumprimento à avaliação da disciplina GMU054 Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em Música, Habilitação em Violão: Licenciatura, da Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação da professora Cíntia Thais Morato.

Uberlândia, junho de 2021.

*Dedico esse Trabalho de Conclusão de Curso a “Mateus”, quem me inspirou estudar esse assunto e tornou tudo isso possível.*

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo compreender aspectos envolvidos na construção das preferências musicais de meu primo Mateus, uma criança de sete anos de idade, buscando investigar a relação que ele estabelece com a música e refletir como essa relação se conecta às suas preferências musicais. Para isso foram elaborados cinco objetivos específicos, os quais guiaram as reflexões sobre os aspectos que envolvem a construção das suas preferências: identificar as músicas ouvidas por Mateus, criança colaboradora e referência da pesquisa; identificar os contextos e situações em que ele costuma escutar música e quais músicas são escutadas nesses contextos; identificar as fontes e os dispositivos a partir dos quais ele escuta música; identificar as músicas que mais lhe agradam, bem como as que não lhe agradam; compreender as razões pelas quais as músicas de sua preferência lhe agradam. A coleta de dados seguiu uma abordagem qualitativa e foi realizada no segundo semestre de 2019 e início de 2020, na cidade de Franca – SP. Como procedimentos de coleta, a pesquisa ganhou forma a partir da observação, interações e diálogos com Mateus em momentos de sua vida cotidiana junto da família e também a partir de minhas lembranças como sua prima, anteriores à pesquisa. Os resultados discutem as interações musicais vivenciadas por Mateus junto à família, na escola e mediante as plataformas de *streaming*. Essas interações se dão principalmente pela escuta, essa que se emoldura nos contextos culturais, históricos e sociais, e dizem muito sobre a construção das suas preferências musicais. A pesquisa discute ainda a força das plataformas de *streaming*, que configuraram novas formas de escutar, distribuir, categorizar, armazenar música, e consequentemente, construir as preferências musicais.

**Palavras-chave:** Preferências musicais; Infância; Escuta; *Streaming*.

## SUMÁRIO

|                                                                                                   |           |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                           | <b>6</b>  |
| Conhecendo Mateus e seu ambiente musical .....                                                    | 8         |
| Estrutura do relatório da pesquisa .....                                                          | 9         |
| <b>1 CONSTRUÇÃO TEÓRICA DA PESQUISA .....</b>                                                     | <b>12</b> |
| 1.1 Preferência e gosto musical.....                                                              | 12        |
| 1.2 Preferências musicais na infância .....                                                       | 14        |
| 1.3 A distribuição digital de música e sua relação com a escuta musical .....                     | 17        |
| 1.4 Construção de preferências em relação aos contextos musicais<br>vivenciados no cotidiano..... | 19        |
| <b>2 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA .....</b>                                                 | <b>21</b> |
| 2.1 Pesquisa com criança.....                                                                     | 21        |
| 2.2 Coleta dos dados.....                                                                         | 23        |
| 2.2.1 Processo de coleta dos dados.....                                                           | 23        |
| 2.2.2 Eu: pesquisadora e prima de Mateus .....                                                    | 26        |
| 2.2.3 Registro dos dados coletados.....                                                           | 28        |
| 2.3 Análise dos dados .....                                                                       | 29        |
| <b>3 RESULTADOS DA PESQUISA .....</b>                                                             | <b>31</b> |
| 3.1 Dispositivos eletrônicos que mediam a escuta musical de Mateus .....                          | 31        |
| 3.2 Fontes de onde procedem as músicas que Mateus escuta .....                                    | 37        |
| 3.3 Contextos e situações da escuta musical de Mateus .....                                       | 46        |
| 3.4 Músicas que agradam a Mateus.....                                                             | 52        |
| 3.5 Músicas ouvidas por Mateus e que não lhe agradam.....                                         | 58        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                                                 | <b>60</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                           | <b>67</b> |
| <b>APÊNDICE.....</b>                                                                              | <b>70</b> |

## INTRODUÇÃO

As nossas inclinações e preferências, sejam elas musicais ou não, nos acompanham e marcam diferentes fases da vida. Ainda que estejam sujeitas a mudanças, elas constituem dimensões importantes na construção das nossas perspectivas, pontos de vista e também na construção da nossa identidade.

Pensando que para preferir algo é preciso conhecer, o cotidiano da vida figura como um fator importante para a construção de nossas preferências musicais, já que é nele que vamos experienciar diferentes acontecimentos e momentos que nos marcarão, seja de forma positiva ou não, resultando em experiências musicais emolduradas por pessoas, instituições, ambientes, como também pelos contextos culturais, sociais, históricos e geográficos em que vivemos. Ou seja, essa construção não se dá no vácuo, mas é circundada por todo um contexto que não envolve só o objeto musical, mas as formas de interação com a música.

As mídias digitais também têm figurado cada vez mais como molduras para a construção e formação das preferências musicais do indivíduo, em meio a diversas transformações contemporâneas, consequência dos avanços tecnológicos e dos sistemas de comunicação e informação. Esse processo vem atingindo não somente jovens e adultos, mas até mesmo as crianças, que cada vez mais estão inseridas no mundo digital e também no mundo adulto, onde as músicas infantis – aquelas que são tomadas como a música com que as crianças devem interagir – estão sendo substituídas pelas músicas midiáticas – tomadas como a música dos adultos (SUBTIL, 2003).

Antes de começar a apresentar o relatório da pesquisa deste Trabalho Conclusão de Curso, é preciso esclarecer que a minha intenção passa longe de levantar críticas e julgamentos a respeito da música midiática, pelo contrário, meu interesse é tão somente compreender a relação que as crianças estabelecem com a música, midiática ou não, em contextos determinados, e refletir de que forma essa relação se conecta às suas preferências musicais.

O interesse pelo tema surgiu durante a disciplina Psicologia do Desenvolvimento Musical, do Curso de Graduação em Música da UFU, onde discutimos sobre as preferências musicais e como elas são instáveis, variando em diferentes fases da vida. A partir daí, me interessei em “compreender

aspectos envolvidos no processo de construção de preferências musicais na infância”, que consistiu no objetivo geral da pesquisa, e, considerando a infância uma fase importante para a constituição do ator social, a pesquisa se deu a partir de um estudo de caso com Mateus<sup>1</sup>, meu primo, um garoto de sete anos de idade, que tem uma bagagem musical bastante interessante.

Nesse caminho, para alcançar o objetivo geral, elegi os seguintes objetivos específicos: identificar as músicas ouvidas por Mateus, criança colaboradora da pesquisa; identificar os contextos e situações em que ele costuma escutar música e quais músicas são escutadas nesses contextos; identificar as fontes e os dispositivos a partir dos quais ele escuta música; identificar as músicas que mais lhe agradam, bem como as que não lhe agradam; compreender as razões pelas quais as músicas de sua preferência lhe agradam.

É importante salientar que trabalhamos, no decorrer da pesquisa, com a diferenciação entre os termos “escutar” e “ouvir”. Enquanto o verbo “ouvir” se dá de um modo mais passivo, é uma ação “involuntária, universal e inevitável”, “escutar” se dá de um modo mais atento e resulta na compreensão e internalização da informação captada (CAMARGO, 2015, p. 266). Assim,

**Escutar** é perceber os sons por meio do sentido da audição, detalhando e tomando consciência do fato sonoro. Mais do que ouvir (um processo puramente fisiológico), escutar implica detalhar, tomar consciência do fato sonoro. (BRITO, 2003 apud SOUZA; TORRES, 2009, p. 47, grifo no original).

Assumindo que as preferências musicais podem ser percebidas nas formas com que as crianças interagem com a música, em contextos diversos, bem como, nos modos com que se relacionam com ela, as preferências musicais de Mateus foram identificadas principalmente por meio de sua escuta e de sua interação com essa escuta.

Conhecer o que é levado em conta na construção de suas preferências musicais, bem como as relações vivenciadas com a música por Mateus – que serão relatados no decorrer desse relatório de pesquisa –, fomentou mais ainda minha curiosidade por essas questões sobre as preferências e fez culminar no tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Assim, a presente

---

<sup>1</sup> O pseudônimo Mateus foi escolhido pela própria criança que colaborou com a pesquisa, em homenagem a um de seus coleguinhas da escola.

pesquisa tem as “preferências musicais na infância” como tema, e investiga aspectos envolvidos nessa construção a partir de um estudo de caso com Mateus.

### **Conhecendo Mateus e seu ambiente musical**

Mateus, a criança colaboradora e referência desta pesquisa, é um garoto de sete anos de idade, residente em Franca – SP, que vive em um contexto familiar onde a música se faz muito presente, em especial a música do tipo sertanejo raiz. No entanto, outros gêneros musicais estão presentes em seu cotidiano, visto que seu pai é um ávido apreciador de música, seja ela de que gênero for. Apesar de alguns gêneros musicais se destacarem em seu repertório, em especial o sertanejo raiz e o sertanejo universitário, o pai de Mateus escuta de tudo um pouco, passeando também pelo pop internacional, anos 1980, 1990, e por outras músicas isoladas, exemplares de outros gêneros musicais, interpretados por cantore(a)s e bandas que aprecia. Percebi que a escuta musical do pai diz muito sobre a escuta de Mateus, ainda que essa moldura não se dê de forma passiva, visto que Mateus seleciona as músicas que o agradam e as que não, filtrando suas escutas.

Essa atitude atenta ao selecionar a música que o agrada e renunciar à que não lhe agrada, se exemplifica no fato de que, ainda que seu pai e outros familiares escutem e gostem de músicas do gênero sertanejo raiz, Mateus ressaltou em uma situação da coleta de dados que esse tipo de música não o agradava. Mais do que isso, quando está em algum ambiente onde toca esse tipo de música, é como se ele já estivesse programado a deixar essa música como plano de fundo, ou seja, ouvir essa música não se constitui como uma escuta atenta.

Mateus tem costume de ouvir música em diferentes contextos, seja em momentos de brincadeiras, de descontração ou até mesmo em momentos em que ele para apenas para escutar e interagir com essa escuta, seja ao dançar, se movimentar, cantar com a música. Há ainda o contexto escolar, onde ele tem aulas semanais de música.

Como comentado no início, em relação à apropriação digital das novas tecnologias, é interessante ver como Mateus interage com os dispositivos eletrônicos, assim como com as mídias digitais. Uma das características da

escuta de Mateus é escutar música em volume alto. Por isso, ele tem apego em sempre carregar uma caixinha de som; recordo-me de certa vez ele ter ficado transtornado por ter saído de casa e tê-la esquecido.

Além dessa interação tecnológica, Mateus interage também com instrumentos musicais de brinquedos e outros de seu pai. Apesar de nunca ter feito aula específica de instrumento, rememoro situações em que ele pedia ajuda para alguém, imitava e se divertia tocando à sua maneira.

Desde pequeno os instrumentos musicais chamam a atenção de Mateus, que se empolgava, por exemplo, ao me ouvir tocar violão e acordeon, me pedindo para tocar “*Happy Birthday*” (como ele dizia) e “Do ré mi fá<sup>2</sup>”. Adorava me ver tocar com meus irmãos e seus pais, um trecho da música “Balada para Adelina<sup>3</sup>” em um teclado que ficava na casa de nossos avós e, aos três anos de idade, ele já conseguia tocar alguns motivos melódicos da música com nosso auxílio.

Pela convivência com seu pai, que também é muito ligado à tecnologia, Mateus adora colocar os dispositivos tecnológicos para funcionar e usa essa habilidade a favor de sua escuta musical. Tendo o hábito de escutar/“ver” música pela plataforma *YouTube*, onde tem costume de assistir a clipes musicais e também canais de *youtubers*, ele quis criar um canal na plataforma e começou gravar e postar vídeos aleatórios, com a supervisão de seus pais. Observando o conteúdo de seus vídeos, notei que grande parte tem a presença de música; há vídeos aleatórios com uma música de fundo, outros em que se gravou cantando, usando o microfone e fingindo que estava tocando em seu violão de brinquedo, por vezes até dançando.

## **Estrutura do relatório da pesquisa**

Este Trabalho de Conclusão de Curso está dividido em três capítulos, além da introdução e considerações finais. Na introdução exponho o tema e o objeto de estudo da pesquisa, seus objetivos e a justificativa pela escolha do tema, também apresento Mateus, a criança que colaborou com a pesquisa.

---

<sup>2</sup> Na cultura popular, consiste na segunda parte da canção “Pastorzinho” e “A barata”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wwu5udHlsZU>. Acesso em: 22 mai. 2021.

<sup>3</sup> Autoria de Paul de Senneville e Olivier Toussaint. Gravada por Richard Clayderman. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=32D0wjoFMD4>. Acesso em: 22 mai. 2021.

No primeiro capítulo trago os referenciais teóricos em que a pesquisa foi embasada, onde discuto os termos “preferência” e “gosto” musical e suas diferenças, reflito sobre as preferências musicais na infância, questionando o estereótipo de criança como ser passivo, que aceita tudo que lhe é imposto, sobre a distribuição digital de música e suas características quanto a escuta musical, e também sobre a relação entre a construção das preferências musicais e cotidiano.

No segundo capítulo, abordo os aspectos metodológicos, refletindo um pouco sobre a pesquisa com criança, embasada nos estudos da sociologia da infância. Apresento ainda informações sobre o processo da coleta de dados, o registro, a categorização e análise dos dados. Reflito também sobre como a minha relação com Mateus, criança colaboradora da pesquisa, beneficiou a coleta e como foi esse processo para mim, assumindo papéis de pesquisadora e prima ao mesmo tempo.

O terceiro capítulo foi destinado para os resultados da pesquisa dividida nas cinco seções delineadas a partir dos objetivos específicos. Nessas seções abordo os dispositivos eletrônicos usados por Mateus para mediar sua escuta e suas estratégias para escolhê-los; sobre as fontes de onde procedem as músicas que ele escuta, ou seja, as fontes em que ele (re)descobre música e que emolduram sua escuta; os contextos e situações em que ele interage com música e quais músicas escolhe para escutar em cada um desses contextos e situações, refletindo nas funções que ela tem para Mateus; sobre as músicas que o agradam, ou seja, que escuta e faz parte de suas preferências musicais, e o porquê elas lhe agradam; e por último, aquelas que não o agradam, portanto, que ele apenas ouve. Durante esse capítulo reflito ainda sobre a forma de escuta atual, mediada pelas plataformas de *streaming* e também por outras características dessa era digital, como o uso e domínio dos aparelhos eletrônicos pelas crianças. É importante esclarecer que as seções desse capítulo se entranham uma na outra, por isso, podem trazer uma sensação de repetição, mas seus conteúdos são abordados a partir de ângulos diferentes.

Por último, nas considerações finais retomo e condenso, de maneira sintética, as discussões e reflexões realizadas nos capítulos anteriores.

Por fim, são registradas as referências e apensado o modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na versão não assinada pelos pais de Mateus com a finalidade de preservar sua identidade.

## **1 CONSTRUÇÃO TEÓRICA DA PESQUISA**

Esse capítulo trata da revisão de reflexões teóricas que foram importantes para a compreensão do campo empírico da pesquisa, ou seja, a construção de preferências musicais de Mateus, colaborador sem o qual a pesquisa não teria sido possível. As temáticas abordadas refletem sobre os conceitos de preferência e gosto musical, sobre as preferências musicais na infância, sobre a distribuição de músicas por meio de plataformas digitais e seu impacto nas formas de escuta, e, por fim, sobre a construção de preferências em relação aos contextos musicais vivenciados no cotidiano.

### **1.1 Preferência e gosto musical**

Ao iniciar a investigação do tema da pesquisa, vimos a necessidade em diferenciar os termos “preferência musical” e “gosto musical”, a fim de esclarecer as definições que este relatório adota.

Ao conceituar preferências musicais, Ilari (2009) utiliza a explicação de Albert Leblanc (1981), segundo o qual as preferências musicais permanecem no indivíduo em um período curto de tempo, sendo elas variáveis e temporárias, ou seja, “desaparecem com a mesma velocidade com que aparecem” (ILARI, 2009, p. 55).

Em relação ao gosto musical, Ilari (2009) o entende como estabilidade das preferências musicais, e o relaciona à familiaridade e às experiências pessoais.

Ilari (2009) destaca a experiência como aspecto importante na construção do gosto musical. Para a autora, um idoso tem seu gosto musical definido com clareza, enquanto um adolescente ainda se encontra no processo de construção; como seu gosto é instável, a autora defende que ele tem preferências musicais. O gosto musical consiste, portanto, na estabilidade dessas preferências (ILARI, 2009). Entendo essa relação entre gosto e preferência como a apreciação de um ou mais exemplares de um gênero musical (preferência), mas não de um conjunto de seus exemplares (gosto). A autora não elimina, porém, a possibilidade de um adolescente já ter estabilizado suas preferências.

Ainda sobre a diferença entre preferência e gosto musical, Hargreaves; North; Tarrant (2006) argumentam que o gosto consiste na padronização das preferências:

[...] usamos o termo preferência para se referir à inclinação de uma pessoa por uma música em comparação a outra em um dado momento, e gosto para se referir ao padrão geral das preferências de um indivíduo em períodos de tempo mais longos (HARGREAVES; NORTH; TARRANT, 2006, p. 135, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Refletindo sobre os parâmetros do gosto musical – padronização (HARGREAVES; NORTH; TARRANT, 2006), estabilidade das preferências, familiaridade e experiência (ILARI, 2009) –, a familiaridade pode não canalizar necessariamente em preferência, visto que esse fenômeno também coadjuva no “desgosto musical”, como veremos no caso de Mateus (ver item 4.5 *Músicas ouvidas por Mateus e que não lhe agradam*).

Para entender a relação entre experiência e gosto musical mencionada por Ilari (2009), recorro ao conceito de ‘experiência’ expresso por Larrosa (2002) que a define como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (p. 21). Nessa citação, o autor traz a ideia de que a experiência é aquilo que realmente nos marca. Todos nós passamos por muitas situações diariamente, mas grande parte delas nos passa despercebida. As situações que nos marcam e, portanto, das quais nos tornamos conscientes, constituem as nossas experiências; as experiências são, pois, como “flashes” marcantes da nossa vida, positivos ou não.

Com base nesse conceito de Larrosa (2002), tomando o idoso como alguém que já passou por uma variedade maior de experiências musicais, faz sentido dizer que já tem suas preferências estáveis, tendo melhor definido aquilo que é ou não do seu agrado, portanto, o seu gosto musical.

Nessa lógica, a construção do gosto musical passa por experiências musicais pessoais que permitem ao ouvinte estabelecer ou não suas preferências, e torná-las estáveis com o tempo. O ouvinte é circundado por

---

<sup>4</sup> No original [...] we use the term preference to refer to a person's liking for one piece of music as compared with another at a given point in time and taste to refer to the overall patterning of an individual's preferences over longer time periods (HARGREAVES; NORTH; TARRANT, 2006, p. 135).

contextos histórico-geográfico, sociocultural e afetivo nos quais vivencia essas experiências musicais, e esses contextos se entranham nas relações que se estabelecem entre o ouvinte e a música. Assim, o ato de gostar de um tipo de música também perpassa, portanto, pela apropriação de um estilo de vestir, comportar e pensar.

Diante dessa explanação, pelo fato de a pesquisa adotar como metodologia o estudo de caso de Mateus, uma criança de sete anos de idade, o uso do conceito “preferência musical” se mostra mais adequado, visto que suas inclinações musicais ainda são instáveis e não padronizadas e, com base nesses parâmetros, Mateus demonstra não distinguir as características dos vários gêneros musicais.

A fim de compreender os fenômenos envolvidos na construção das preferências musicais de Mateus, colaborador e referência dessa pesquisa, parto do pressuposto de que as crianças não são influenciadas passivamente pela indústria cultural midiática e nem pelo contexto social e familiar em que estão situadas, embora esses contextos emoldurem a construção de seus repertórios e de suas preferências musicais.

Esta pesquisa considera as crianças como indivíduos ativos na construção de seu repertório e preferências musicais, “construtores [que são] de sua infância, atores plenos, e não apenas objetos passivos deste processo e de qualquer outro” (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2010, p. 4).

A criança de hoje deixou de ser vista como um indivíduo totalmente dependente da família para a construção de conhecimentos. Ela tem à disposição uma série de dispositivos tecnológicos de informação e comunicação que lhe possibilita a exploração do mundo de forma autônoma, sem depender o tempo todo do adulto.

Como sujeitos ativos, elas não aceitam tudo o que lhes é oferecido. Ao contrário, as crianças são seletivas, sabem o que querem escutar, o que as agrada ou não (MARCHI, 2018).

## **1.2 Preferências musicais na infância**

Foram localizados quatro textos acadêmicos que discutem sobre o tema “preferências musicais na infância”, bem como, sobre a relação entre repertório e formação do gosto musical (SUBTIL, 2003; OSTETTO, 2008; ILARI, 2009;

PEIXOTO, 2013). Exceto Ilari (2009), nenhuma das outras autoras estudadas diferencia os conceitos de gosto e preferência musical; ao contrário, tomam um pelo outro.

Essa literatura não faz referência à criança como um sujeito seletivo e com lugar de voz a respeito de suas preferências musicais; sua perspectiva teórica localiza o gosto e as preferências musicais infantis como resultantes da influência da família e da música midiática, enxergando a criança como passiva nesse processo.

Dessa forma, revisar essa literatura se fez necessário para nos situarmos sobre a perspectiva conceitual das autoras e, assim, poder propor reflexões sob outra perspectiva, a perspectiva da criança como sujeito ativo na construção de suas preferências musicais (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2010; MARCHI, 2018; RODRIGUES; BORGES; SILVA, 2004; SILVA, 2014).

Em sua pesquisa sobre a mídia e a produção do gosto musical em crianças da quarta série do Ensino Fundamental, Subtil (2003) discute sobre o papel da música midiática na escuta e formação do repertório musical das crianças. Ela argumenta que essa formação vai além dos contextos sociais e familiares. A autora defende a tese de que a indústria cultural “enquanto sistema integrado age na produção do gosto” musical infantil (SUBTIL, 2003, p. 8).

Ostetto (2008) também faz uma reflexão sobre a influência midiática na escuta musical de crianças da educação infantil, referindo-se à indústria cultural como massificadora e acusando-a de impor padrões musicais.

Apesar de dizer que não tem a intenção de condenar o gosto musical do outro, assim como não pretende distinguir a música “boa” da “ruim”, Ostetto (2008), contraditoriamente, acaba deixando transparecer sua indignação ao comentar sobre as brincadeiras que observou no dia a dia de escolas de educação infantil sendo guiadas por músicas veiculadas pela mídia.

Mas a criança não é influenciada só pela música midiática; Subtil (2003), Ilari (2009) e Ostetto (2008) compartilham da ideia de que a família também influencia diretamente na formação do repertório ouvido e, portanto, nas preferências musicais da criança. Subtil (2003) chama a atenção para o fato de que a música é capaz de unir o mundo adulto e infantil pela mesma escuta musical, promovendo momentos de diálogo e aproximação.

Ilari (2009, p. 57) destaca a importância de pais, cuidadores e educadores na formação do repertório e do gosto musical das crianças, e afirma que o gosto musical está relacionado à familiaridade, ou seja, ela acredita que se a criança for exposta desde bebê a vários tipos de música, futuramente ela tenderá a apreciar todos eles. Para a autora:

Bebês e crianças pequenas são superabertos a novos repertórios porque, para eles, o elemento mais importante que extraem das experiências musicais é o afeto implícito nas experiências musicais. Conforme vão crescendo, as crianças vão sofrendo o impacto dos elementos do lugar em que vivem – o que obviamente afetam suas preferências (ILARI, 2009, p. 57).

Importante esse argumento de que o “afeto implícito nas experiências musicais” age como fator importante na delimitação das preferências musicais. No entanto, observei no campo empírico que, da mesma forma que o repertório da família pode impactar na construção da preferência musical da criança (ILARI, 2009), pode também agir de forma contrária, provocando o desinteresse ou a desconsideração de determinadas músicas, como no caso de Mateus, que mesmo convivendo familiarmente com a música da dupla Milionário e José Rico<sup>5</sup>, não a aprecia. Ou seja, apesar de presente em seu ambiente sonoro, Mateus não escuta a música de Milionário e José Rico, apenas a ouve, fazendo parte do plano de fundo de suas experiências auditivas.

Estudando o gosto musical de crianças, Peixoto (2013), fundamentada em Spodek (2002), traz três hipóteses sobre gosto musical – lembrando que para essa autora os conceitos gosto e preferência musical são tomados um pelo outro. A primeira delas refere-se ao contato repetido com um determinado material musical, a segunda diz respeito às influências sociais e familiares e, por último, a terceira trata das características próprias de uma determinada música (SPODEK, 2002 apud PEIXOTO, 2013, p. 4).

A autora se pauta metodologicamente em atividades realizadas com crianças do Jardim de Infância e da Creche<sup>6</sup> a fim de observar o gosto musical

---

<sup>5</sup> Dupla de cantores da música sertaneja. Para saber mais: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Milion%C3%A1rio\\_%26\\_Jos%C3%A9\\_Rico](https://pt.wikipedia.org/wiki/Milion%C3%A1rio_%26_Jos%C3%A9_Rico). Acesso em: 19 jun. 2021.

<sup>6</sup> A nomenclatura Jardim de Infância e Creche se deve ao contexto educacional de Portugal onde a pesquisa foi realizada.

das mesmas. Através de conversas individuais com cada aluno, ela chegou ao resultado de que a maioria das crianças se interessava pela música pop pelo fato dela ser agitada e dançante. A característica dançante é considerada uma característica constituidora da formação do gosto musical também por Subtil (2003).

Em seu relatório, Peixoto (2013, p. 37) fala também sobre a empolgação das crianças ao ouvirem Música Infantil<sup>7</sup>, enquanto que com a Música Clássica, a maioria não demonstrou reação – as poucas que demonstraram alguma empolgação com a Música Clássica a associaram ao ballet. Esses dados foram coletados a partir de uma atividade em que as crianças deveriam se expressar, dançando livremente ao som de músicas de diferentes gêneros e características.

Além dessas atividades musicais, essa autora fez uma entrevista com os pais das crianças a fim de compreender se o seus gostos musicais tinham alguma relação com o contexto familiar; o resultado que obteve reiterou o que observou perante o comportamento que as crianças demonstraram à escuta musical, a maioria dos pais gostava e ouvia a música pop.

Sobre a relação entre o gosto e hábitos musicais dos pais e as preferências musicais das crianças, observada por Peixoto (2013), Ostetto (2008) afirma que “pensar o gosto e o repertório das crianças é problematizar o gosto e o repertório dos adultos” (OSTETTO, 2008, p. 57), sejam dos adultos no contexto familiar, no contexto escolar, ou ainda no contexto midiático.

### **1.3 A distribuição digital de música e sua relação com a escuta musical**

Empreender uma leitura sobre os meios de distribuição musical por meio das plataformas digitais – *streaming*<sup>8</sup> – também se fez necessário na pesquisa, visto que a vivência musical de Mateus passa majoritariamente por esses meios, em especial no *Spotify* e *YouTube*.

---

<sup>7</sup> A autora não menciona as músicas infantis que fizeram parte da metodologia da pesquisa, entretanto, é possível depreender que se trata de músicas infantis populares envolvendo rimas, trava línguas, etc.

<sup>8</sup> O *streaming* é uma forma de distribuição digital que dá acesso online a um catálogo “ilimitado” de músicas gravadas, instantaneamente, em qualquer hora e local (MOSCHETTA; VIEIRA, 2018, p. 259).

As plataformas *Spotify* e *YouTube* usam a curadoria digital no processo de sugestão de músicas compatíveis às que os usuários já ouvem. Moschetta e Vieira (2018) falam que:

O *Spotify* utiliza uma combinação de curadoria humana e algorítmica para sugerir e apresentar músicas compatíveis com os gostos e preferências musicais passadas dos utilizadores, funcionando como um fio condutor da experiência de consumo no presente (MOSCHETTA; VIEIRA, 2018, p. 265).

No caso do *Spotify*, a plataforma traz ativada a opção de aceitar as sugestões. Assim, ao finalizar uma música ou uma *playlist* que o usuário esteja ouvindo, a plataforma reproduz automaticamente outras faixas semelhantes e compatíveis ao gênero, estilo, cantor, banda da música que estava sendo reproduzida. Antes do *Spotify*, o *YouTube* já fazia uso dessa ferramenta, sugerindo as músicas na barra ao lado do vídeo. Essa ferramenta pode ser a causa de muitas músicas presentes no repertório de escuta das pessoas, inclusive no de Mateus.

Os autores também comentam que a curadoria digital acaba por limitar a escuta, pois não apresentam um repertório “novo”, se restringindo apenas ao que é semelhante ao já consumido pelo usuário, e que geralmente gira em torno do mesmo estilo, gênero musical ou do mesmo cantor/banda (MOSCHETTA; VIEIRA, 2018).

Se, de um lado, a curadoria digital restringe escuta musical, de outro, as plataformas digitais de distribuição musical, ao provocar uma mudança da forma de escutar música, potencializam certa pluralidade nessa escuta dispersando a preferência do gênero musical. Em uma matéria para a BCC News Brasil (BEZZI, 2019), o produtor Dudu Borges menciona que:

Os gêneros continuam existindo, mas ninguém gosta mais de uma coisa só. O lado bom dessa pluralidade é a potencialização da música como negócio e, para o artista, o desprendimento de poder se expressar de diferentes formas (Dudu Borges em entrevista a BEZZI, 2019, p. 2).

O produtor comenta que cada vez mais os ouvintes estão se “libertando” da questão do gênero musical e “navegando” por vários territórios musicais ao mesmo tempo. Esse fato faz com que as pessoas se relacionem cada vez mais com músicas isoladas, em vez do álbum completo, isso porque as músicas são

substituídas facilmente hoje em dia, já que o serviço do *streaming* oferece um leque muito grande de opções, permitindo os ouvintes trocarem de música de modo instantâneo.

As *playlists* também são ferramentas muito utilizadas pelos usuários do *Spotify*. Estas são formas (automática ou personalizada) de agrupar e organizar o conteúdo musical, facilitando a escuta de forma sequenciada, sem o usuário precisar parar sua atividade para procurar outra faixa (MOSCHETTA; VIEIRA, 2018). Geralmente são agrupadas conforme a semelhança de gênero ou estilo musical, de bandas ou de cantore(a)s; pode também ser um agrupamento randômico de músicas variadas, mas que caracterizam as preferências musicais do indivíduo, ou seja, aquelas que ele mais ouve.

De acordo com Bezzi (2019), a música geralmente define o estado de espírito e emocional das pessoas; elas estão relacionadas a contextos, relações que cada ouvinte estabelece com o mundo, e a visões sociais e políticas. Assim, as *playlists* ajudam também organizar a escuta através desses estados emocionais, contextos e relações. A plataforma *Spotify*, por exemplo, oferece *playlists* já montadas com as músicas que mais fazem ou fizeram sucesso dentro de temáticas determinadas como músicas para dormir, para relaxar, para academia, *playlists* de músicas atuais, subdivididas em gêneros musicais, etc. O ato de ouvir música, ao contrário do ato de assistir a um filme ou a um teatro, pode não exigir uma concentração direta. Assim, algumas *playlists* também são criadas como planos de fundos para estudo e trabalho, por exemplo.

#### **1.4 Construção de preferências em relação aos contextos musicais vivenciados no cotidiano**

A construção das preferências musicais é um processo que não se dá no vácuo, mas é emoldurada por uma “teia de relações” (SOUZA, 2008) urdida na realidade história, cultural, geográfica e social das pessoas que apreciam música. Souza (2008) analisa

[...] o sujeito imerso e envolvido numa teia de relações presentes na realidade histórica preñe de significações culturais. Logo, a aprendizagem [leia-se também a construção de preferências musicais] não se dá no vácuo, mas num contexto complexo. Ela é constituída de experiências que nós realizamos no mundo. Dessa

maneira, a aprendizagem pode ser vista como um processo no qual – consciente ou inconscientemente – criamos sentidos e fazemos o mundo possível (SOUZA, 2008, p. 7).

Através das experiências e de nossas perspectivas, damos sentido ao que ouvimos – e a audição se torna então escuta – e vamos definindo o que nos agrada ou não.

É no cotidiano que as crianças vão construindo suas opiniões e preferências a partir da convivência com a escuta da família, com as músicas da escola, com as plataformas de *streaming* e de todo o seu entorno. Suas preferências não são ditadas por alguém, mas emolduradas por essas interações. Da mesma forma que o aprendizado no cotidiano não se fixa somente no ensino formal, em “alguém que ensina”, as preferências são construídas na vivência e convivência, e, a partir daí, as crianças vão identificando elementos que as atraem ou não na música, selecionando o que as agradam ou não, formando suas inclinações e preferências. Vão se identificando na música e nas pessoas com quem compartilha as mesmas inclinações, construindo, ao mesmo tempo, a sua identidade.

Com a acessibilidade que as plataformas de *streaming* proporcionam, as crianças também têm “navegado por diferentes mares”, estando em contato com um leque maior de possibilidades musicais através das redes de internet, e não apenas ao que seu círculo social escuta. Além disso, nascidas nessa atualidade digital, são guiadas pelas novas características de escuta – pensando na abundância de conteúdo, bem como na sua organização e arquivamento (*playlists*, compressão de áudio, etc.). Assim, se a música faz parte de contextos e situações diversos, passou a ser um “elemento do cotidiano vivido, do qual ela não pode ser separada” (SOUZA, 2008, p. 10).

## **2 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

A pesquisa buscou compreender os aspectos envolvidos na construção da preferência musical na infância por meio de uma abordagem qualitativa, focando no caráter subjetivo da criança colaboradora. Essa abordagem preconiza a compreensão do sujeito e suas ações, sem o dissociar de suas particularidades, buscando entender os dados coletados segundo a perspectiva do participante da pesquisa, valorizando a construção de sentidos dos indivíduos no contexto em que vivem (SOUZA, 2008).

Nesse sentido, Chizzotti (1991, p. 79) comenta que “a pesquisa qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”.

Considerando a abordagem escolhida para a realização desse estudo, o método adotado foi o estudo de caso com meu primo Mateus, uma criança de sete anos de idade que vive num contexto familiar bastante musical.

A grande proximidade entre eu (pesquisadora) e Mateus – colaborador da pesquisa, cujo nome fictício, a fim de preservar sua identidade, foi escolhido pelo próprio –, e a minha imersão (como sua prima) em seu mundo e em sua rotina, favoreceram a coleta de dados sobre suas preferências musicais, pelo fato de eu já fazer parte de seu cotidiano. Além disso, por estar pesquisando com uma criança, foi importante conhecer um pouco mais e me inspirar nos estudos da sociologia da infância, a qual me proporcionou um conhecimento ético e possibilitou uma nova visão sobre a pesquisa com crianças.

### **2.1 Pesquisa com criança**

A pesquisa com crianças requer certas particularidades e cuidados. Marchi (2018) revela que o surgimento dos estudos da sociologia da infância levantou algumas críticas sobre o modo de se fazer pesquisa, pois se costumava valorizar a voz do pesquisador e de alguma forma ocultar as vozes dos participantes. Era como se os pesquisadores falassem sobre os participantes sem saber propriamente o que era viver como eles de fato viviam

(MARCHI, 2018) – fato comum de ocorrer ao se pesquisar crianças, devido à imagem de carência e incapacidade imposta a elas.

Os estudos da sociologia da infância trazem a necessidade de enxergar as crianças a partir de outra perspectiva, reconhecendo suas opiniões, suas diversas maneiras de ver o mundo e suas conclusões acerca dele, considerando-as como atores ativos, produtoras de conhecimento e cultura.

Rodrigues, Borges e Silva (2014) falam da necessidade de dar valor às falas da criança, assim como de compreender sua perspectiva sobre o mundo, sugerindo ao pesquisador a ideia de construir o conhecimento com a criança e não apenas sobre ela. Ainda em relação a isso, Silva (2004, p. 233) destaca que “uma coisa é ouvir os adultos ou jovens que falam sobre a infância e outra bem diferente é dar voz às próprias crianças”. Nesse sentido, pautando-me nos estudos da Sociologia da Infância, nessa pesquisa busquei concentrar-me em pesquisar **com** o Mateus, ao invés de pesquisar **o** Mateus.

Ao se pesquisar **com** a criança é importante também pensar em estratégias que auxiliem na coleta de dados, procurando preservar-lhe a naturalidade e espontaneidade.

Pensando nisso e ainda pelo fato de eu, pesquisadora, ter grande laço familiar com Mateus, a coleta de dados foi beneficiada por conseguir captar dados não só pela observação, mas pela imersão no “mundo” dele, participando e compreendendo mais suas vivências musicais. Marchi (2018) levanta a necessidade de o pesquisador compreender a fundo os significados das ações do sujeito, interpretando-os de modo diretamente ligados à cultura na qual o mesmo está inserido.

Na busca de melhor interação com a criança pesquisada, Marchi (2018) comenta sobre o papel de “adulto atípico”, termo utilizado por Corsaro (apud MARCHI, 2018), referindo-se ao papel do adulto fora do contexto de adulto. Ou seja, é o adulto se permitindo entrar no universo da criança, com a “intenção do investigador de se tornar nativo, isto é, um igual ou menos diferente” (MARCHI, 2018, p. 734).

Tal estratégia é interessante para o propósito de fazer a captura de informações passar de maneira pouco percebida pela criança, a fim de se alcançar resultados mais espontâneos, além de ser uma grande ferramenta na construção de aceitação e confiança entre pesquisador e colaborador.

## 2.2 Coleta dos dados

### 2.2.1 Processo de coleta dos dados

A coleta de dados iniciou no segundo semestre de 2019, mais especificamente em outubro de 2019, durante o curso da disciplina Pesquisa em Música 2, se encerrando nos primeiros meses de 2020, no contexto habitual de Mateus.

Durante esse período da pesquisa, vivemos meses atípicos devido ao isolamento social e a suspensão de atividades escolares e acadêmicas, por conta da pandemia de COVID-19, provocada pelo corona vírus, que teve o primeiro caso de contágio confirmado no Brasil no dia 26 de fevereiro de 2020<sup>9</sup>. Nesse contexto, a pesquisa deu uma desaquecida, sendo retomada em agosto de 2020 com o fechamento do Diário de Campo. Nesse período, mesmo que o contato entre eu e Mateus tenha diminuído bastante em comparação ao ano anterior, pude observar algumas características na sua interação com a música através de breves encontros, chamadas por vídeo, vídeos compartilhados, enriquecendo mais ainda a pesquisa.

Diferentemente de 2020, que permaneci o ano todo na cidade de Franca – SP, onde reside minha família, no segundo semestre de 2019, quando dei início à coleta de dados, residia na cidade de Uberlândia devido às aulas da universidade, mas com o hábito de ir semanalmente à Franca. Nessas idas, sempre me encontrava com Mateus, em especial às sextas-feiras, dia em que toda a nossa família se reúne na casa dos meus avós maternos. Embora esses encontros às sextas-feiras sejam fixos, Mateus esteve comigo com frequência em outros momentos e ambientes também. Nossa proximidade e interação, portanto, foram intensas, e isso beneficiou a coleta de dados.

O interessante é que os encontros familiares e a minha proximidade com Mateus não se intensificaram devido pesquisa, pois eles são habituais há anos. O que mudou foi o meu olhar, que, além de prima, passou a ser de pesquisadora também.

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/26/primeiro-caso-confirmado-de-covid-19-no-brasil-ocorreu-em-sp-e-completa-seis-meses-nesta-quarta.ghtml>. Acesso em: 10 maio 2021.

Como abordagem para a coleta de dados, utilizei como procedimentos a observação, interações – propostas por mim, mas também por Mateus –, diálogos – com ele e seus familiares –, e minhas lembranças de antes do início da pesquisa; sempre sem roteiro ou hora pré-estabelecida – porém, sem perder de vista o objetivo geral e específicos da pesquisa. Esses procedimentos ocorreram em nossa interação rotineira, como dito, pelo costume familiar.

Encarando o “papel de adulta atípica” (CORSARO *apud* MARCHI, 2018) e buscando uma interação lúdica com Mateus, elaborei o que ele chamou de “brincar de ouvir música”, como ferramenta para investigar as músicas que ele estava escutando durante o tempo da coleta de dados e até mesmo anteriormente, além de buscar compreender como ele utilizava e organizava sua *playlist* de músicas no *Spotify* e, posteriormente, ver se ele ainda ouvia as músicas adicionadas à sua *playlist* em fases diferentes de uso desse *streaming*.

Antes de tudo, pedi permissão para Mateus compartilhar comigo o *link* da sua *playlist* para, assim, poder acessá-la e ver quais músicas faziam parte da sua seleção. Nessa brincadeira, tanto eu, pesquisadora, quanto Mateus, escolhemos algumas músicas que gostávamos e apresentamos um para o outro, dizendo nossa opinião sobre elas. Inicialmente, eu apresentava apenas as músicas que constavam na *playlist* dele mesmo para observar as suas reações e perceber se ele as identificava. Num segundo momento, comecei a introduzir músicas que não estavam na sua *playlist* com o intuito de entender como ele reagia a “novas” faixas de música. Mateus gostava da brincadeira, tanto é que repetimos a mesma atividade outras vezes a pedido dele mesmo; senti que ele gostava de mostrar o que escutava. A partir das músicas que escuta e ouve, agradando-lhe ou não, e com as quais convive, ele vai construindo suas preferências, se expressando e se posicionando a partir delas.

Para que ele pudesse se expressar sobre suas músicas de forma espontânea e sem nenhum receio, foi muito importante fazer com que Mateus se sentisse à vontade ao me apresentá-las, fossem elas de qualquer gênero musical, em especial o funk que, apesar de ser vista com maus olhos, faz parte “com peso” do repertório dele. Nossa interação, na busca desse bem-estar em

mostrar as suas músicas, não se deu a partir de conversas explicativas, mas da minha forma de reagir às músicas que ele me apresentava. Assim, sempre me mantive interessada no seu repertório, atenta para não expressar nenhuma valoração sobre as suas músicas, estimulada em apresentar-lhe outras músicas do mesmo gênero das que ele me mostrava, tudo para que ele percebesse que estava tudo bem escutar as músicas que escutava.

Sabia que a mãe de Mateus, minha tia, não gostava de vê-lo ouvir algumas músicas específicas por remeterem a termos “impróprios”, como no caso do funk. Assim, achei necessário deixá-lo à vontade para me mostrar a música que quisesse, mas sem desrespeitar nenhum dos lados. Dessa forma, foi possível entrar no seu mundo de um jeito menos adulto a partir de uma interação que realmente despertou o interesse dele.

Além da “brincadeira de ouvir música”, pude participar de outras interações propostas por Mateus nas quais, pelo fato de eu ser sua prima, acabava por me incluir em suas brincadeiras. Era o que acontecia, por exemplo, nos momentos em que ele jogava basquete, onde sempre ouvia música simultaneamente; outras vezes, em momentos aleatórios em que estávamos no mesmo ambiente, jogando juntos no celular. Fui percebendo como ele lidava e interagia com a música durante essas atividades e quais eram suas preferências musicais.

Ainda assim, a observação foi um dos principais meios para a coleta de dados, visto que Mateus vivencia música em vários contextos. Através dessas observações eu procurava, sempre que possível, dialogar com ele, questionando o motivo dele apresentar inclinação por alguma música, de onde a conhecia, em que momentos preferia escutá-la. Nem sempre o diálogo funcionava, visto que ele é uma criança muito ativa e não tinha muita paciência em ficar respondendo as minhas perguntas, então, sempre tinha cuidado com os momentos de questioná-lo a fim de respeitar seu tempo e espaço.

Investi também em diálogos com os familiares, que se deram de forma espontânea. Muitas vezes minha tia, mãe de Mateus, comentava algo que havia acontecido com ele naquela semana, me mandava vídeos dele dançando e cantando (esse material audiovisual encontra-se arquivado). Embora eu estivesse no período de pesquisa, os comentários acerca de situações

cotidianas de Mateus, bem como o envio de vídeos protagonizados por ele, sempre foi um hábito, desde que nasceu até os dias de hoje.

Pelo fato de Mateus se relacionar e ser exposto a música desde novinho, tornou-se importante também refletir sobre as lembranças que guardo dele acerca de suas vivências musicais – já que o que ele vive hoje vem dessas experiências, e as minhas lembranças me ajudaram a compreender muitas de suas ações para além da escuta como, por exemplo, a interação que ele tem com instrumentos musicais e a independência ao manusear os dispositivos tecnológicos. Ainda mais agora, assumindo o papel também de pesquisadora, despertou-me muitos *insights*, levando-me a reflexões que, antes da pesquisa, eu não tinha condição de fazer.

A respeito do aspecto ético da pesquisa, é importante salientar que Mateus aceitou fazer parte da mesma. Conforme o referencial teórico adotado, é indispensável pedir a permissão da criança antes da pesquisa iniciar (Marchi, 2018). Ainda assim, o pedido foi feito aos seus pais que também autorizaram a participação dele na pesquisa. O pedido foi feito pessoalmente e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido encontra-se apensado neste relatório de pesquisa.

### **2.2.2 Eu: pesquisadora e prima de Mateus**

Levando em conta o meu papel social como prima de Mateus, a partir do momento em que defini meu objeto de pesquisa, passei a assumir também o papel de pesquisadora, nos diversos contextos em que me encontrava com ele. Por vezes estava presente como prima, mas com olhar de pesquisadora, em outras era a pesquisadora, mas também no papel de prima.

Ambos os papéis favoreceram a pesquisa e também fortaleceram ainda mais meu vínculo com Mateus. Como pesquisadora, eu tentava passar o máximo de tempo com ele, para assim, observar passagens interessantes e espontâneas. Como consequência disso, ele me incluía cada vez mais em suas atividades.

A partir disso, a imersão em seu mundo respeitou a nossa proximidade familiar. Realmente passei a fazer parte e ver um pouco de como ele enxergava e lidava com a música nesses diferentes contextos e o que ela despertava nele:

Algum tempo depois ele me pediu para jogar [basquete] com ele e com muito custo fui, já que não sou muito fã de jogar basquete e estava cansada. Aceitei mais pela insistência dele do que pela minha vontade. No entanto, foi uma experiência bem interessante para sentir, talvez, como ele se sente quando joga ouvindo música. Eu que não estava nada empolgada com a brincadeira, me senti com mais energia ouvindo aquelas músicas animadas durante esse momento. (Diário de Campo, 08/11/2019, p. 9).

Da mesma forma que Mateus às vezes não estava disposto a dialogar, eu também vivenciava esses momentos. Pela coleta de dados se dar em dias não programados e em contextos familiares, acontecia de eu não estar disposta ou em um bom dia. Ainda assim me esforçava, não só como pesquisadora, para colher informações, mas também como prima, para satisfazer um pedido dele. Em muitos desses momentos, como a passagem citada acima, me surpreendi e pude ter uma prova do que ele sentia e do que a música proporcionava nele. Portanto, eu, a pesquisadora, também fui uma personagem importante na coleta. Se eu não agisse como agi, participando das brincadeiras, escutando músicas com ele – sem julgar e sem expressar qualquer tipo de valoração –, dialogando, me fazendo presente e me mostrando interessada, não teria os mesmos resultados que obtive nessa pesquisa.

Apesar de Mateus ter me dado seu consentimento para eu realizar esse estudo, ele me via sempre na posição de prima. Dessa forma, não passamos por aquela fase de estranhamento. Eu não era uma intrusa na área. Nesse sentido, eu conseguia capturar momentos, informações muito espontâneas sem o deixar incomodado.

Ainda assim, para conseguir coletar os dados houve um caminho a ser percorrido. A confiança, o respeito por ele e a participação se mostraram cada vez mais importantes. Tanto é que, mesmo sendo eu sua prima, tinha momentos em que ele não estava a fim de dialogar e tudo bem. Nesses momentos, eu prezava pelo respeito e pelo tempo e espaço dele.

Para fazê-lo se sentir à vontade em conversar e me mostrar seu repertório, também precisei pensar em uma abordagem adequada para ele. Em certo momento percebi a necessidade de fazer Mateus sentir que ele não precisava concordar com tudo que eu dizia e que não precisava gostar de

todas as músicas que eu mostrava para ele (na “brincadeira de ouvir música”). Então, passei a dar minha opinião para servir de exemplo, mas claro, sem impor as minhas sugestões: “Quando ele me mostrou a música instrumental no saxofone, eu disse que gostava da música, mas não gostava muito do som do instrumento” (Diário de Campo, 11/10/2019, p. 3).

Sintetizando, os resultados obtidos só foram possíveis através de um trabalho conjunto. Eu, como pesquisadora, não estava no campo empírico só para observar e anotar o que achava pertinente. Também precisava estimular, me mostrar interessada por Mateus e seus pontos de vista, me fazer presente para ele sentir confiança em expressar o que queria. Ele, apesar de saber que estava sendo pesquisado, na maioria dos momentos cotidianos não tinha isso em mente, mas ainda assim, intuitivamente, assumia seu papel social como criança, se exibindo, expressando a sua identidade, suas preferências, além de suas opiniões sobre a música e sobre suas interações comigo, sua prima.

### **2.2.3 Registro dos dados coletados**

Como ferramenta de registro foi utilizado o Diário de Campo, recurso que “permite ao(à) pesquisador(a) recuperar com precisão acontecimentos passados ao longo do processo discursivo que, de outro modo, passariam despercebidos” (VIEIRA, 2001/2002, p. 93).

Foi destinado um arquivo para o Diário de Campo, arquivo este contendo 12 páginas, escritas em fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5. Está organizado em dias de coleta, sendo que esta não se dava em periodicidade diária. A coleta de dados, que aconteceu com mais intensidade durante a segunda metade de 2019, incluiu também alguns relatos do ano de 2020, já que devido às circunstâncias da pandemia do COVID 19, fiquei impossibilitada de estar em contato direto com Mateus.

Apesar do período de observação ter perdurado até meados de agosto de 2020 no contexto habitual de Mateus, conforme foi possível nos encontrarmos nesse período de pandemia, os registros no Diário de Campo foram feitos entre outubro de 2019 e fevereiro de 2020, justamente pelo desaquecimento da pesquisa. Ainda assim, após esse período, consegui interagir e coletar novos dados que também foram inseridos na análise dos resultados.

Para a escrita do Diário, eu registrava em tópicos, no celular, os pontos mais relevantes que aconteciam durante a interação com Mateus. Posteriormente, com o auxílio desses tópicos, eu relatava em forma de texto, no arquivo do Diário, o que fora observado e dialogado durante a interação. Eu me esforçava em escrever o quanto antes – no mesmo dia ou nos subsequentes – a fim de não esquecer os detalhes.

Os registros dos tópicos foram muito importantes para o conteúdo dos Diários, visto que a vivência musical que Mateus apresenta diariamente é muito vasta. Além disso, como um dos objetivos da pesquisa é o de conhecer o seu repertório, as anotações também foram importantes para registrar a sua escuta, a sequência das músicas e os contextos em que elas se faziam presentes.

Nesse sentido, o Diário de Campo traz a ideia de manter “vivas” as informações coletadas, além de possibilitar uma reflexão mais profunda que, no momento da interação com Mateus, não havia tempo de fazer.

É importante salientar que as informações e lembranças que trago de outras convivências, antes da pesquisa, não foram anotadas no Diário, mas já inseridas diretamente na elaboração do texto sobre a análise e reflexão dos dados.

## **2.3 Análise dos dados**

A análise dos dados coletados se iniciou em agosto de 2020 com o fechamento do Diário de Campo e início da categorização, que se deu por temáticas tiradas dos próprios objetivos específicos da pesquisa.

A partir do Diário de Campo, direcionamos recortes e informações para arquivos diferentes, cada qual destinados a uma categoria, sendo elas: os dispositivos por onde ele escuta música; as fontes de onde procede a escuta musical de Mateus; os contextos e situações em que ele a vivencia; as músicas que lhe agradam e o porquê; e por último, as músicas ouvidas e que não lhe agradam. Das categorias listadas, a única que não esteve presente nos objetivos específicos desde a época de defesa do projeto de pesquisa foi a que trata sobre os dispositivos por onde Mateus escuta música.

Durante o processo de categorização, houve certa confusão quanto à definição das fontes de escuta. Nela estávamos incluindo as fontes pela qual

Mateus descobria músicas, mas também os meios pelo qual ele as escutava. No entanto, a literatura sobre o tema (MOSCHETTA, VIEIRA, 2018), e também a reflexão sobre a vivência musical de Mateus, me fez despertar para a existência de uma preferência também por dispositivos e não só pela música em si. Sendo assim, separamos os dados que estávamos incluindo nessa categorização em *Fontes* – procedência das músicas escutadas por Mateus, e em *Dispositivos* – meios por onde ele as escuta.

Feito isso, passei a reunir as informações dos dados coletados, já categorizados, e a elaborá-los em forma de texto, buscando, na literatura, temas que me pudessem esclarecer e subsidiar reflexões sobre o que se passou no campo empírico em relação às preferências musicais de Mateus.

### 3 RESULTADOS DA PESQUISA

Dividido em cinco seções, este capítulo traz os resultados obtidos na pesquisa em campo, categorizados a partir dos objetivos específicos, os quais tratam sobre o uso dos dispositivos eletrônicos que mediam a escuta musical de Mateus; as fontes de onde procedem as músicas que ele escuta; os contextos e situações da escuta musical de Mateus; as músicas que ele escuta e que o agradam; e por último, as músicas que não o agradam.

#### 3.1 Dispositivos eletrônicos que mediam a escuta musical de Mateus

Esta seção trata dos meios físicos – os dispositivos eletrônicos – pelos quais Mateus escuta música, sendo eles: aparelho celular, *iPad*, televisão, caixas de som, fone de ouvido e *overboard*<sup>10</sup>; e dos modos de escuta, ou seja, das suas formas de mediação com a música. Nessa seção, veremos também que Mateus tem preferências e estratégias diferentes na hora de escolher os dispositivos eletrônicos por onde irá escutar música.

Em meio a tantas transformações tecnológicas, a música passou por diversas mudanças na forma de escutar e de ser distribuída. Mediante essas novas características tecnológicas, a música tem estado cada vez mais presente na vida das pessoas, dado o fácil acesso ao gigante catálogo musical disponível nas plataformas de *streaming*.

Antes de entrar no assunto das plataformas de *streaming*, é importante pensar que, para as pessoas acessá-las, é preciso algum meio material. Por exemplo, anos atrás, a música chegava às pessoas através dos *long plays* (LPs), fitas cassete (fitas K7), e *compact discs* (CDs) que funcionavam a partir de aparelhos específicos para cada um desses formatos (como os toca-discos, toca-fitas, e toca-CDs). Na fase tecnológica que vivemos hoje, esse meio material consiste principalmente nos aparelhos celulares e outros dispositivos

---

<sup>10</sup> Aparelho semelhante a um skate que funciona a partir de motores acionados por sensores a partir da inclinação do corpo do usuário. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/T%C3%A1bua\\_de\\_duas\\_rodas\\_autoequilibrada](https://pt.wikipedia.org/wiki/T%C3%A1bua_de_duas_rodas_autoequilibrada). Acesso em: 22 maio 2021.

eletrônicos, como *tablets*, *smart TVs*<sup>11</sup>, muitos dos quais facilitaram o acesso e trouxeram possibilidade de ouvir música em qualquer lugar.

Dessa forma, no âmbito dessa pesquisa, é importante e interessante refletir sobre os dispositivos pelos quais Mateus escuta música, os quais variam dependendo das situações em que se encontra e de suas intenções.

Pelo fato de Mateus, desde pequeno, ter seus próprios dispositivos eletrônicos – celular e *iPad* – e ter acesso a rede de internet, sua escuta musical foi se construindo também por meio das plataformas de *streaming* de áudio e audiovisual, como o *Spotify* e o *YouTube*.

Além do celular e do *iPad*, outro aparelho eletrônico por onde Mateus escuta música é a televisão, na qual espelha o que reproduz no aplicativo *YouTube* do celular ou *iPad*. E ainda tem o *overboard* que, através do *bluetooth*<sup>12</sup>, também lhe dá a opção de conectar o celular para reproduzir músicas. Muitas das vezes em que Mateus brinca com esse skate eletrônico, o faz escutando música. Geralmente opta por estilos mais agitados devido a seu estado de humor, já que na maioria das vezes em que usa esse brinquedo, está em companhia dos primos ou em momentos de agitação.

Nas classes sociais mais estáveis financeiramente, é cada vez mais comum ver crianças, desde pequenas, já possuírem seus próprios dispositivos eletrônicos e terem domínio de muitas ferramentas neles incluídas – consequência do uso massivo desses dispositivos pelas pessoas. Como as crianças aprendem muito por meio da observação, repetição e imitação, os próprios familiares – pais, irmãos mais velhos, etc. – estão desempenhando o papel de mediadores para as crianças terem acesso precocemente a esses aparelhos (GOMES, 2016). Mateus é um exemplo dessa geração que se apropria dos dispositivos eletrônicos e da cultura digital desde tenra idade, é um nativo digital.

Dessa forma, as crianças vão criando estratégias que otimizam a escuta musical nesses dispositivos. Elas começam a perceber qual aplicativo é

---

<sup>11</sup> *Smart TV* é uma expressão do âmbito da tecnologia que significa "televisão inteligente". É também conhecida como TV conectada ou TV Híbrida, porque é uma junção da televisão com a internet. Disponível em: <https://www.significados.com.br/smart-tv/>. Acesso em: 21 maio 2021.

<sup>12</sup> *Bluetooth* é o nome de uma tecnologia de comunicação sem fios (*wireless*) que interliga e permite a transmissão de dados entre computadores, telefones celulares, câmeras digitais e outros dispositivos através de ondas de rádio. Disponível em: <https://www.significados.com.br/bluetooth/>. Acesso em: 21 maio 2021.

mais viável de se usar em determinado dispositivo e local. Como no caso de Mateus, que seleciona os dispositivos pensando no tamanho, na facilidade e na funcionalidade de cada um deles. Por exemplo, o celular por ser pequeno é viável para carregar em diferentes locais, por outro lado, o *iPad* lhe dá a opção de assistir a vídeos numa tela maior, portanto, suas estratégias de escolha vão se dar de acordo com suas intenções, possibilidades e necessidades. Da mesma forma, pelo fato desses dispositivos não terem muita potência sonora, quando tem à disposição caixas de som, ele as usa para amplificar a intensidade da música. Ou seja, ele cria estratégias conectando diferentes dispositivos para escutar música da forma que deseja.

Uma característica da escuta musical de Mateus é o costume e preferência em escutar música em volume alto, seja no modo viva voz<sup>13</sup> desses dispositivos, seja conectando-os a uma caixa de som, fato que geralmente resulta em discussões com familiares pedindo para que ele escute música em volume mais baixo:

Em junho de 2019, num encontro familiar<sup>14</sup> na casa de nossos avós maternos, onde o rádio tocava música sertaneja raiz e Mateus jogava basquete escutando música alta por meio de uma caixinha de som conectada ao seu celular, meu avô se aproximou e pediu para que ele abaixasse um pouco o som porque estava muito alto e não dava para conversar direito, nem ouvir o que se tocava no rádio. Mateus argumentou que ele também queria ouvir as músicas "dele", mas por fim se irritou e desligou a caixinha de som. (Diário de Campo, 11/10/2019, p. 1 - 2).

Por vezes, ele opta em desligar seu dispositivo e deixa de escutar suas músicas, pois gosta de escutá-las à sua maneira, no seu volume preferido.

Não sei dizer ao certo o que faz Mateus preferir escutar música em volume alto, talvez seja um hábito familiar já que em algumas situações seu pai também abusa do volume quando escuta música.

No entanto, a preferência de Mateus por escutar "música alta" me faz refletir sobre essa escuta com base em experiências já vividas por mim

---

<sup>13</sup> Refiro-me à utilização dos alto-falantes dos próprios dispositivos.

<sup>14</sup> Durante a coleta de dados, a reunião familiar mencionada acontecia todas as sextas-feiras à noite, na casa de nossos avós maternos, indicando o fim da semana de trabalho.

mesma. Quando ouvimos música com volume mais intenso é como se sentíssemos, no corpo, as vibrações; as sensações que aquela música nos provoca acabam nos injetando energia como quando, por exemplo, vamos a um show de música ao vivo (onde o som está mais intenso). Essa experiência é totalmente diferente de ouvir música em volume inferior no celular, tendo em vista que a potência de amplificação sonora desse dispositivo é quase nula se comparada aos sistemas de amplificação utilizados em shows. Além disso, os alto-falantes presentes nos celulares abafam os sons graves, portanto, não traz aquela sensação de quando ouvimos sons amplificados em uma caixa de boa qualidade. Assim, é compreensível que Mateus escute música em volume alto ao jogar basquete, ou seja, faz sentido relacionar essa energia física que ele precisa para praticar um esporte com a energia e as sensações estimulantes que a audição de música em “volume alto” lhe proporciona.

Diante dessa característica, sempre que possível Mateus conecta seus dispositivos nas caixas de som de seu pai para amplificar a intensidade sonora. Dependendo do contexto, ele usa uma caixinha de som menor, em outros, uma caixa de som maior – aparelho que ele sai arrastando pelos cômodos de sua casa e que aprendeu a manusear desde pequeno. Caso a caixa de som não esteja disponível, ou o local em que ele se encontra não condiz com essa escolha, Mateus escuta música no modo viva voz dos dispositivos.

Apesar de ele preferir escutar música através do alto-falante dos dispositivos, ou então amplificada em caixas de som mais potentes, pude observá-lo poucas vezes escutando música com fones de ouvido. Mas, ainda assim, Mateus não abre mão de escutar música em volume alto. Inclusive, essa era uma preocupação que tínhamos com a sua audição e sempre havia alguém da família o lembrando de abaixar o volume do seu fone.

A escolha e seleção desses dispositivos varia diante do contexto, situação e local em que Mateus se encontra. Moschetta e Vieira (2018, p. 275) ajudam-nos a entender que “não há um dispositivo preferido [pelos ouvintes], apenas dispositivos mais adequados para diferentes situações e contextos”, e adequados também para sua preferência de ouvir música em volume alto. Até porque, em cada um desses dispositivos, Mateus tende a usar mais de uma plataforma de *streaming*, ou seja, essa relação entre contextos e situações,

dispositivos e plataformas estão todas entranhadas para resultar na escolha de um ou de outro.

Por exemplo, ao jogar basquete nos encontros de sexta-feira, Mateus tendia a ouvir música pela plataforma *Spotify* através do celular, muitas vezes conectado na caixinha de som do pai que ele carregava para a casa dos avós (Diário de Campo, 11/10/2019, p. 1). Como ele estava ativo, brincando, não precisava do recurso visual do *YouTube*, e como o celular é menor e mais leve, era o escolhido. Além disso, quando Mateus quer usar o *Spotify*, na maioria das vezes o faz usando o celular em vez do *iPad*, este último é usado principalmente quando Mateus tem a intenção de assistir clipes musicais, novelas infantis ou em momentos em que ele está jogando *games* no celular.

O hábito de escutar música através dos dispositivos eletrônicos traz à tona uma reflexão sobre a desmaterialização da música. Quando a música era distribuída em meio físico, o conjunto de um álbum tinha todo um significado. Especialmente nos LPs, que traziam um “protocolo de escuta” (POLIVANOV; WALTENBERG, 2015), as faixas de música estavam relacionadas com o encarte, as imagens, a fonte das letras, os textos, ou seja, essas informações completavam a escuta. A escuta não era isolada.

Com a vinda dos CDs, ainda existia essa materialidade, mas tendo em vista a facilidade de carregá-los separados de suas embalagens, pensando no tamanho e no peso (bem menor se comparado aos LPs de vinil), começou-se a perder esse “protocolo de escuta” e as pessoas começaram a desassociar cada vez mais as faixas de música do restante das características do álbum. (POLIVANOV; WALTENBERG, 2015).

Quando a música passou a ser difundida virtualmente, houve uma queda grande na venda de álbuns físicos, já que ela passou a ser circulada na internet. Diante desse novo cenário, os artistas precisaram se reinventar e traçar novas estratégias para divulgar e vender suas músicas; é aí que entram as redes de *streaming* como forma de distribuição de música gratuita ou custeada por um valor baixo (PINA, 2014).

Hoje em dia, a música está em tal estágio de desmaterialização, que se tornou um serviço. Quando compramos um disco, a música está materializada num objeto, logo ela está vinculada ao seu criador, que podem ser o(a)(s) compositor(a)(s), intérprete(s), arranjador(a)(s), instrumentista(s), etc. Com o

consumo da música através das plataformas de *streaming*, a música acabou se tornando um serviço, ou seja, as pessoas não têm que comprar aquele produto para consumi-la. Elas usufruem da música através dessa plataforma que se torna uma prestadora de serviço musical, e os dispositivos são os meios físicos por onde esse serviço é veiculado. Assim, hoje os dispositivos têm a função de um tocador de discos, fitas, CDs; sem eles não há como as plataformas veicularem música.

Isso trouxe ganhos e perdas. Por um lado, barateou o acesso à música (que se tornou um consumo), trouxe ganho na quantidade de material musical veiculado de forma fácil, consequentemente alimentando as preferências musicais dos usuários. Mas, por outro lado, se perdeu a fixação por gêneros musicais, por álbuns, compositor(es), já que o costume se transformou na audição de faixas isoladas, exemplares de gêneros e estilos diferentes que compõem as *playlists*. Diante disso, o ouvinte se distanciou dos criadores da música, pois as informações do álbum se tornaram ausentes. Se pegarmos um CD, por exemplo, é comum encontrarmos todas as informações do álbum, das músicas – cada qual com seu/sua compositor(a), letra, instrumentistas, etc. Nas plataformas de *streaming* não há campo para essas informações. No caso do *Spotify*, esses dados são incluídos apenas na versão para computadores (UBC, 2018).

Portanto, a escolha pelos dispositivos – celular, *iPad*, televisão, caixas de som, *overboard*, fones de ouvido – por onde Mateus escuta música depende de vários fatores: 1- da preferência por ouvir música em volume alto, onde ele acaba por combinar o celular com as caixas de som; 2- da intenção de assistir a clipes musicais ou vídeos de dança onde ele também se põe a mexer, optando assim, pela televisão ou *iPad*; 3- do contexto e local onde Mateus encontra, os quais influenciam na escolha do tamanho da caixa de som, dos dispositivos (como visto acima) e consequentemente das plataformas de *streaming*: *Spotify* para ouvir música no celular; *YouTube* para “assistir” música no *iPad* ou na TV; se no viva voz do celular ou com fone de ouvido; 4- das situações, já que Mateus geralmente escuta música enquanto realiza outras atividades, como jogar basquete, ou *games* no celular, andar de *overboard*, situações que também orientam a escolha dos dispositivos.

### 3.2 Fontes de onde procedem as músicas que Mateus escuta

Esta seção vai tratar das fontes de escuta musical de Mateus, que estão diretamente associadas à construção das suas preferências e do seu repertório, já que não tem como preferir sem conhecer, e não tem como conhecer sem escutar – assumindo que o processo de escuta passa pela internalização, pela escuta atenta. Dessa forma, estou chamando de fonte, a procedência do repertório conhecido e descoberto por Mateus, que por sua vez se dá a partir de três principais instituições culturais e sociais: a família, a escola e a indústria cultural – *streamings Spotify e YouTube*, novelas infantis, trilhas sonoras de jogos.

Ao longo da vida vamos construindo nossas opiniões, personalidade e identidade a partir dos aprendizados e com base no contexto em que vivemos. A escuta musical não é diferente. Ela não se dá no vácuo, mas vai sendo emoldurada mediante as instituições sociais que nos rodeiam, seja através da família, da escola, da religião, das pessoas que nos cercam diariamente em diferentes situações (SOUZA, 2004).

Ainda hoje, diante dos avanços tecnológicos e do uso demasiado de dispositivos eletrônicos, temos outro fator que norteia e emoldura nossa escuta musical: o mundo virtual, no caso específico dessa pesquisa, as plataformas de *streaming* de música. Portanto, quando falamos da escuta musical de Mateus, podemos dizer que ela foi construída e, principalmente, emoldurada por essas três instâncias: família, escola e *streaming*.

Mateus vive num contexto familiar bastante musical, o que faz com que o repertório, principalmente de seu pai, diga muito a respeito ao que ele escuta – embora isso não se dê de forma passiva. Tanto o pai, quanto a mãe de Mateus são admiradores de música, no entanto, o pai é quem mais tem o hábito de escutá-la em diversas situações, assim como acontece com Mateus.

Seu pai tem um repertório bem eclético, passando pelo sertanejo raiz, universitário, pop internacionais de sucesso, *flashback* dos anos 1980, 1990, entre outras faixas isoladas, exemplares de gêneros musicais, que acaba agindo nas preferências musicais do filho, ainda que não se possa dizer que tudo agrade Mateus. Podemos afirmar isso principalmente analisando a relação dele com a música do tipo sertanejo raiz – estilo que o pai mais escuta,

principalmente quando está em companhia da família, por ser gosto comum entre a maioria de seus componentes. Ramos (2002) nos ajuda a entender o quão importante é a variedade dos gêneros musicais apreciados numa família,

pois as crianças, desde cedo, se familiarizam a ouvir todo tipo de música: forró, fandango, música religiosa, pagode, funk, entre outros. Em geral, passam a gostar daquilo que os pais escutam, embora algumas crianças comecem a se interessar em gravar em fitas cassete suas próprias músicas. (RAMOS, 2002, p. 70).

A pesquisa de Ramos (2002), que teve como objetivo compreender como se dava a aprendizagem musical por meio dos programas televisivos de um grupo de crianças que vivia em um bairro periférico de Porto Alegre-RS, aconteceu no início da década de 2000, onde o gênero fandango era bastante consumido, principalmente por pessoas dessa região do país, e trabalhou com crianças que vivenciaram infâncias diferentes da de Mateus – por estarem situadas em épocas caracterizadas por tecnologias e comportamentos distintos. Adequando a pesquisa aos costumes e características de hoje – no caso de Mateus –, o fato das crianças “gravarem em fitas cassetes, as suas próprias músicas” (RAMOS, 2012), tem paralelo com o fato de Mateus adicionar as suas músicas preferidas em sua *playlist*.

Recordo-me que o pai de Mateus, meu tio, tinha um acervo pessoal de músicas, videoclipes e *digital video discs* ou DVDs, de diferentes artistas e gêneros musicais baixados e organizados em pastas em seu *notebook*. Nos encontros familiares ou em sua casa, sempre assistia ou ouvia o repertório desses arquivos. Até hoje faz uso deles, mas com menos intensidade, já que dependendo da situação opta pelo *Spotify* ou *YouTube*, pelo fato dessas plataformas apresentarem mais possibilidades e variedades de músicas de forma imediata.

Essas duas formas de armazenar músicas – arquivamento por *download* e plataformas de *streaming* – traz ferramentas e utilidades que se assemelham em alguns pontos, mas diferenciam em outros. Por exemplo, as duas trazem a possibilidade de recuperar e relembrar músicas de diferentes épocas, mas de formas diferentes. Os processos de *download* e armazenamento no *notebook* permitem relembrar músicas que meu tio já consumiu em outro momento ou época, enquanto as plataformas de *streaming* permitem relembrar e descobrir

músicas ainda desconhecidas, ou que ele nunca havia parado para fazer o *download*, isso devido ao grande catálogo de músicas disponíveis e pela facilidade de encontrá-las *online*, com alguns cliques na tela.

Com isso, quero dizer que, pelo fato do pai de Mateus ter meios de relembrar, descobrir e redescobrir sucessos novos e antigos, Mateus acaba conhecendo músicas, artistas, grupos musicais que já saíram das paradas de sucesso e que estiveram em alta antes mesmo dele nascer. Assim, muitas delas acabam entrando em seu repertório e, por vezes, ocupando espaço em suas preferências em alguma fase de sua vida.

Mesmo que a família exerça força na construção de seu repertório e preferências musicais, Mateus acaba recorrendo às plataformas de distribuição musical para armazená-las em sua *playlist* e escutá-las quando quer. Então, as músicas conhecidas a partir do pai acabam o levando ao *streaming*, já que sua escuta musical acontece principalmente por meio dessas plataformas. Assim, quando uma música lhe agrada, Mateus pede para alguém baixá-la em sua *playlist* do *Spotify* ou ele mesmo “se vira” para encontrar aquela faixa usando o microfone do celular para fazer buscas no *YouTube* ou no *Google*, onde canta a letra de uma parte da música e é direcionado para a página que essas plataformas encontram, ou então usa o aplicativo *Shazam*<sup>15</sup>, que identifica imediatamente a música que está tocando ao redor. Portanto, o modelo familiar se torna marcante para entender a relação que Mateus estabelece com a música.

Como fontes de escuta de Mateus, podemos também citar a escola que, da mesma forma que acontece com o contexto familiar, constitui-lhe uma fonte de descobertas e lhe traz algumas bagagens musicais, apesar desta exercer uma força menor na construção de seu repertório e preferências. Ainda que ele tenha aulas de música semanais na escola, pelo que pude perceber e ouvir dele próprio, o repertório trabalhado nesse espaço é mais voltado para a música infantil, músicas essas que não observei fazerem parte da sua *playlist*.

---

<sup>15</sup> Aplicativo que cria uma impressão digital acústica com base na amostra e a compara com um banco de dados central. Se encontrar uma correspondência, ela envia informações, como o artista, o título da música e o álbum para o usuário. Algumas implementações do *Shazam* incorporam *links* relevantes para serviços como *Apple Music*, *iTunes Store*, *Spotify*, entre outros *streamings*. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Shazam\\_\(aplicativo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Shazam_(aplicativo)). Acesso em: 22 maio 2021.

Como não pude observar Mateus no ambiente escolar, não sei dizer se ele vivencia e interage com a música que ele e os colegas levam de casa, mas posso dizer sobre o que ele e seus pais comentam sobre suas vivências na escola e quais músicas ele traz da escola para casa.

Apesar de poucas vezes ter presenciado Mateus trazendo músicas do ambiente escolar para os contextos familiares, em determinada época, observei-o encantado pelo grupo Beatles, uma descoberta proporcionada pelo show “Beatles para crianças”, organizado pela sua escola. Depois desse dia, Mateus passou a escutar algumas músicas do repertório desse grupo, que posteriormente também foi adicionado em sua *playlist* (Diário de Campo, 11/10/2019, p. 3).

Em outro momento, onde estávamos mostrando músicas um para o outro, ele colocou o “Hino Nacional” para tocar no celular, levantou-se, colocou-se na postura reta com as mãos para trás e o ficou escutando por alguns segundos. Ao questioná-lo sobre que música era essa, me disse que era a “música da escola dele” e disse ser “legal” (Diário de Campo, 11/10/2019, p. 3). Trata-se de uma música que não temos o hábito de escutar no nosso cotidiano, sem um motivo envolvido, mas não foi o caso dele. O “Hino Nacional” é carregado de simbologia, por isso o acompanhamento do gesto, que deve ter sido aprendido na escola e, de alguma forma, tê-lo marcado. É importante lembrar que a música não se resume a sons; a música que ouvimos está geralmente associada a pessoas, tempos, lugares, sensações, preferências. Tem hora e lugar. Talvez, se Mateus tivesse sido apresentado ao Hino Nacional em um momento cotidiano, se tivesse ouvido na rua, por exemplo, pode ser que tivesse lhe passado despercebido.

Quanto à terceira fonte de onde procedem as músicas que Mateus escuta e que considero ser a que exerce mais força na construção do seu repertório e de suas preferências, temos a indústria cultural, trazida aqui pelas plataformas de *streaming*.

Pode-se dizer que a escuta musical de Mateus se dá basicamente por meio das plataformas de *streaming*, em especial pelo *Spotify* e pelo *YouTube*, sendo que a escolha por uma dessas depende do dispositivo que Mateus está usando, e esse, por sua vez, depende dos contextos, situações, locais e

intenções que vivencia (ver item 4.1 *Dispositivos eletrônicos que mediam a escuta musical de Mateus*).

O *Spotify* é a principal plataforma usada por Mateus quando a intenção é “apenas” escutar músicas de seu repertório, usando o recurso de áudio (e não de audiovisual como no caso do *YouTube*). Estas estão organizadas em uma única *playlist* – a que existe por padrão no aplicativo instalado em seu celular. Essa *playlist* contém todas as músicas de sua preferência, as quais foram sendo arquivadas desde que começou usar a plataforma.

Quando ele faz o *download* de uma música nova no *Spotify*, essa música vai automaticamente para o final da *playlist*; é lá que se encontram as músicas que Mateus mais escuta e aprecia no presente. Se depois de passados alguns meses, ele (re)descobre uma música que já tinha em sua *playlist* – disposta portanto mais no início da lista –, ele torna a lhe fazer o *download* e, para lhe facilitar o acesso, essa música passa a se localizar novamente no final da *playlist*.

Na minha vez de apresentar músicas, comecei pegando músicas da *playlist* dele mesmo, mas que foram adicionadas há tempos atrás; a primeira delas foi "*Here Comes the Sun*", dos Beatles. Ele disse que era a música da sua escola, isso porque foi a um show organizado pela sua escola, chamado "Beatles para crianças". Lembrei-me que na época ele ficou super encanado com a banda e só ouvia Beatles. Quando mostrei, ele ficou empolgado e me pediu para eu ditar o nome porque ele queria baixar a música novamente, mesmo já estando em sua *playlist*. (Diário de Campo, 11/10/2019, p.3).

Percebe-se que quando isso acontece, Mateus não se lembra que já tem a música em sua *playlist*. É como se ela se renovasse frequentemente, mas as músicas “antigas” continuassem lá, sem a sua recordação, já que a música precisa ser escutada para ser lembrada. Isso pode ter se dado pelo fato de que, no período da coleta de dados, Mateus se encontrava na fase inicial de alfabetização, portanto, ainda não sabia ler o nome das músicas; ele as procurava pela foto que fica ao lado do título (geralmente referente ao álbum do qual se origina a música) ou pelas letras iniciais – as quais conseguia memorizar.

Se o *Spotify* é o preferido por Mateus para escutar as músicas em formato de áudio, o *YouTube* é mais utilizado com a intenção de assistir a

clipes musicais, principalmente nos momentos em que ele quer dançar, já que Mateus relaciona muito a música com dança e movimento. Além disso, essa plataforma também é muito utilizada para assistir novelas infantis, como as *Chiquititas*<sup>16</sup> (Diário de Campo, 25/10/2019, p. 4), outra fonte de descoberta musical, onde Mateus acabou conhecendo a MPB<sup>17</sup>, um estilo que não tem costume de escutar em seus ambientes familiares.

Além de músicas para dançar e das novelas infantis, o *YouTube* ainda lhe proporciona outros conteúdos capazes de lhe estimular a escuta musical e o faz descobrir músicas novas. Como Mateus gosta muito de jogos eletrônicos, ele assiste a vídeos de *gamers* que, geralmente, têm música de fundo. Quando alguma dessas músicas lhe agrada, ele dá seu jeito e a encontra utilizando suas estratégias de busca já mencionadas. A mesma coisa acontece com os jogos que joga no celular, se alguma trilha lhe chama atenção, ele sai em busca dela.

O processo pelo qual Mateus interage com os aplicativos que veiculam conteúdos digitais, selecionando as músicas de que *gosta*, faz-nos refletir sobre a distribuição musical nas plataformas de *streaming*, bem como, sobre o gerenciamento que os algoritmos exercem em sua escuta musical.

Os algoritmos, através da inteligência artificial e também da curadoria humana, coletam dados do consumo prévio do usuário (músicas, álbuns, artistas pesquisados), oferecendo-lhe recomendações de conteúdos semelhantes, possibilitando assim a descoberta de novas músicas isoladas e conduzindo a experiência musical no presente (MOSCHETTA; VIEIRA, 2018; FIGUEIREDO; BARBOSA, 2019; MENDES, 2019). É por esta ferramenta que a plataforma se diferencia das mídias tradicionais, como o rádio, já que a possibilidade de um conteúdo construído exclusivamente para cada usuário torna o *streaming* mais interessante (FIGUEIREDO; BARBOSA, 2019, p. 30). Portanto, através dos algoritmos, Mateus também descobre outras músicas semelhantes às que ele já escutou e/ou escuta através da sugestão da própria plataforma.

---

<sup>16</sup> Telenovela brasileira voltada para o público infantil exibida pelo SBT entre julho de 2013 e agosto de 2015. Mateus assistia à novela pelo *YouTube*.

<sup>17</sup> Refiro-me aqui ao gênero musical.

A partir da observação e convivência com Mateus, e também com base na literatura sobre o tema, é-nos possível compreender que a escuta musical não foi impactada apenas pelas transformações nas formas de armazenamento e distribuição da música<sup>18</sup>, mas também pelas formas de arquivamento, organização e classificação do repertório escutado (FIGUEIREDO; BARBOSA, 2019; MENDES, 2019).

Antes, a escuta musical era guiada pelo apreço a gêneros musicais ou pela preferência do conjunto de músicas executadas por cantores, duplas ou bandas – as pessoas compravam LPs, CDs dos seus artistas preferidos. Atualmente, as músicas escutadas passaram a serem classificadas por estados de humor, atividades ou por contextos, sendo organizadas, por exemplo, em *playlists* para academia, para relaxar, para limpar a casa, *playlists* de sucessos, etc. (BEZZI, 2019). Essas *playlists*, em que se misturam vários estilos e gêneros musicais, podem ser montadas pelos próprios usuários, mas também, disponibilizadas pela plataforma de *streaming*.

Antes de ser veiculada por meio digital e virtual, não se tinha acesso a infinitude de músicas com a facilidade que se tem hoje e de forma tão imediata. Quando era gravada em meios físicos, costumava-se escutar um álbum inteiro. Atualmente, com o consumo por meio digital, escuta-se músicas isoladas de um possível álbum. É razoável pensar na possibilidade desse fenômeno impactar também nas nossas preferências musicais, já que passamos a ter acesso a uma ampla variedade musical (MENDES, 2019).

Atualmente, com a difusão do *TikTok*<sup>19</sup> – um aplicativo voltado para a gravação e circulação de vídeos curtos, principalmente de coreografias de dança, além de vídeos de dublagens, humor, entre outros conteúdos –, Mateus tem feito bastante uso dessa nova ferramenta, tanto para assistir a vídeos, quanto para gravar os seus próprios. Através dos conteúdos veiculados por esse aplicativo, principalmente vídeos de coreografias, o *TikTok* também tem sido uma fonte de descobertas musicais para Mateus, embora, pelo fato de não

---

<sup>18</sup> Os sistemas físicos (LPs, CDs, DVDs) deram lugar aos sistemas digitalizados (plataformas *streaming*).

<sup>19</sup> *TikTok*, anteriormente chamado de *Musical.ly*, é um aplicativo que permite gravar vídeos curtos, geralmente com dublagens musicais, danças, clipes ou cenas de humor. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/11/o-que-e-tiktok-conheca-o-app-mais-baixado-que-instagram-e-facebook-nos-eua.ghtml>. Acesso em: 25 maio 2021.

se tratar de um aplicativo voltado para o *streaming* de músicas, essa plataforma não substitui as anteriormente citadas.

É interessante perceber que a música também acompanha a evolução das plataformas e dos dispositivos, ou seja, as formas de escutar música foram se transformando ao longo dos anos. Escutar música ao vivo, em disco, CD, DVD, plataformas digitais e todas as demais formas, trazem experiências e vivências diferentes umas das outras. Hoje, para os arquivos de música “viajarem” através dessas plataformas digitais em tempo real é preciso que sejam mais leves. Para isso, torna-se necessário comprimir o áudio, ou seja, alguns dados são removidos para que diminua o tamanho do arquivo. Dessa forma, o áudio sofre algumas perdas, não chegando aos usuários com as características originais (ANDRADE, 2016).

Outra característica da escuta contemporânea é a efemeridade da música. Ramos (2002), em sua dissertação na qual discute sobre a aprendizagem musical pela televisão, comenta a questão sobre a efemeridade da música nos no início dos anos 2000:

A reprodução das músicas veiculadas pela mídia está fadada a ter o mesmo mecanismo de [des]continuidade, se considerarmos que elas têm um tempo determinado para permanecer “na vitrine”. As crianças parecem entender esta efemeridade, já que cantam intensamente e, em poucos meses, trocam seus gostos e preferências. (RAMOS, 2002, p. 119).

É preciso nos atentar que, no ano de 2002, quando o trabalho foi publicado, a música ainda não era distribuída pelas redes de *streaming* como nos dias de hoje; a televisão, rádio, toca-fitas, CDs, eram os principais meios para se escutar e conhecer músicas. Portanto, as pessoas não tinham acesso imediato a um grande catálogo de músicas como temos através das plataformas de *streaming*. O que quero dizer é que ainda hoje vivemos um tempo em que a música permanece por pouco tempo nas paradas de sucesso, mas, com as plataformas de *streaming* e com o acesso que temos ao mundo virtual, é possível mantermos tal música no repertório, da mesma forma que é possível resgatá-la em qualquer outro momento de forma imediata, possibilidade que não existia com a televisão, no caso da pesquisa de Ramos (2002).

Como resultado dessa nova forma de escutar música na era digital, além dos sucessos estarem se renovando a todo instante, as músicas estão passando por alterações estilísticas, sendo remixadas, (re)arranjadas de formas diferentes, em parcerias com outros artistas, com a finalidade de alcançar públicos distintos aos que já estavam destinadas em sua versão original, além de poderem estar presentes em um maior número de *playlists*.

Com o *TikTok*, as músicas *remix* vem ganhando espaço e visibilidade principalmente dentro dessa rede. Os *remixes* são músicas já existentes modificadas com a intenção de alterar as características da faixa original, com efeitos eletrônicos, geralmente para criar um efeito mais dançante. Os artistas estão criando versões remixadas das próprias músicas como forma de atingir públicos diversos (DANIEL, 2020).

Claro que os *remixes* não estariam de fora da plataforma. A versão funk de várias músicas tem ganhado bastante repercussão no *TikTok*, graças as famosas *trends*, que são tendências ou modelos de vídeos a serem feitos. O funknejo tem ganhado espaço no mercado, em que os próprios cantores sertanejos têm acrescentado batidas em suas músicas, ou fazendo parcerias com cantores de funk. (DANIEL, 2020).

A partir da possibilidade das plataformas de distribuição musical de apresentar novas músicas, recuperar e reviver outras de diferentes épocas, Mateus revive muitas músicas que foram sucessos há anos atrás. Apesar da música na era do *streaming* estar sujeita a efemeridade por conta das paradas de sucesso que são renovadas a todo momento, essa possibilidade de resgatar músicas de anos atrás também problematiza esse efeito. Temos de lembrar que a música precisa estar sendo escutada para ser lembrada – se não a escutamos, vamos nos esquecendo dela. É como se a preferência tivesse que ser periodicamente cultivada, para não nos esquecermos e para alimentar o que gostamos. E a plataforma de *streaming* traz essa problematização: de um lado, as músicas e os artistas podem ser esquecidos rapidamente devido aos novos sucessos constantemente anunciados; de outro, a possibilidade de reviver músicas de qualquer tempo, a qualquer momento, em qualquer lugar e com acesso muito rápido.

Recapitulando, somando a facilidade de encontrar uma diversidade de músicas ou artistas nas plataformas de distribuição musical com o hábito e

contribuição que o pai de Mateus e, em menor intensidade, a escola trazem para seu repertório musical, Mateus consegue aumentar cada vez mais seu repertório, passar por experiências musicais distintas, construir suas preferências, descobrir e (re)descobrir conteúdos musicais.

### **3.3 Contextos e situações da escuta musical de Mateus**

Nesta seção trato dos contextos e situações em que Mateus escuta música e a forma que ele a vivencia em diferentes momentos.

Vimos no item 4.2, *Fontes de onde procedem as músicas que Mateus escuta*, que ele conhece as músicas das quais passa a gostar e escutar nos ambientes familiar e escolar e acessando as plataformas de *streaming*. Nesses ambientes, Mateus escuta música de diferentes formas, nas diferentes atividades que pratica no dia a dia: jogando basquete, jogos no celular e no videogame, andando de *overboard*, “curtindo” momentos de descontração, dançando e se movimentando junto com a música, e até assistindo novelas infantis. Vimos também, no item 4.1, *Dispositivos eletrônicos que mediam a escuta musical de Mateus*, que para cada momento ou atividade em que escuta música, ele tende a preferir um dispositivo e uma plataforma de *streaming* (*YouTube* ou *Spotify*) específicos. Por isso, os contextos e situações nas quais Mateus escuta música, os dispositivos por meios dos quais a acessa e as suas fontes musicais estão entrelaçados. Para a compreensão das preferências musicais de Mateus, é importante não perder de vista esse entrelaçamento, essa interdependência entre os dispositivos utilizados, as fontes de onde provém o repertório e os contextos em que Mateus escuta música.

É indispensável registrar ainda que nesta seção serão relatadas as situações e os momentos em que Mateus escuta música e não aqueles em que ele a ouve – os quais serão tratados na seção seguinte. Lembrando, conforme anunciado na Introdução deste relatório de pesquisa, que esses dois processos auditivos se configuram de maneiras diferentes: escutar se dá de um modo mais atento e resulta na compreensão e internalização da informação captada; ouvir se dá de um modo mais passivo, é uma ação “involuntária e inevitável” (CAMARGO, 2015, p. 266).

Desse modo, a diferença entre esses dois processos auditivos implicou na categorização, também diferente, das formas com que Mateus interage com a música: os contextos e situações em que ele escuta música são trazidos, como mencionado, neste item 4.3 e no item 4.4, e as músicas que Mateus ouve serão objeto de discussão no item 4.5.

As plataformas de *streaming*, caracterizadas pela acessibilidade e possibilidade de ouvir música em qualquer lugar e por facultar a escolha do que escutar dentro de um leque enorme de alternativas, leva-nos a pensar que, apesar das pessoas escutarem música em diferentes atividades e situações, existem músicas mais favoráveis para cada momento, local, contexto e situação, estimulando e despertando reações diferentes em cada ouvinte.

Hoje a música está nos mais variados lugares, no mercado, na espera das chamadas telefônicas, no consultório médico, recreios escolares, nos vídeos dos mais diversos conteúdos (não somente musical), e para cada um desses usos, a música tem uma ou mais funções, seja para levantar o astral, para preencher o ambiente sonoro, para provocar relaxamento ou ainda outras finalidades (HUMMES, 2004).

Também por isso, a escuta vem sendo guiada principalmente pelas *playlists* através das redes de *streaming*, *playlists* essas que a própria plataforma sugere e que são organizadas por faixas de diferentes estilos e artistas, mas que apresentam características semelhantes, as quais se encaixam em diferentes situações, como as *playlists* para relaxar, para academia, para festas, etc. (BEZZI, 2019).

Essa maneira de escutar música é encontrada na vivência de Mateus, mesmo que ele não faça uso dessas *playlists* temáticas, já que seu repertório está organizado em sua própria e única lista de reprodução, que contém apenas as músicas que escuta com frequência e pelas quais tem preferência. Entretanto, ainda assim, a sua *playlist* “lembra” as *playlists* temáticas, pois consiste numa seleção que traz uma diversidade de gêneros musicais, estilos e artistas.

Nesse sentido, vamos encontrar as diferentes funções ocupadas pela música (HUMMES, 2004) no cotidiano de Mateus, seja conciliada a atividades de entretenimento, a prática de esportes, ou contextos escolares de aprendizagem.

Parte da família de Mateus, incluindo o pai, a mãe, tio e primos, tem muito contato com o basquete, consequentemente, ele convive com esse esporte desde pequeno. Na casa de seus avós maternos, onde acontecem os encontros familiares às sextas-feiras à noite, assim como a música, o basquete não pode faltar. Há anos foi instalada uma cesta de basquete no quintal/garagem da casa, onde ele brinca sozinho ou acompanhado.

Geralmente quando Mateus está jogando, o faz escutando música. Nesses momentos ele opta por músicas mais agitadas, que refletem em seu ânimo. No entanto, como as músicas em sua *playlist* estão todas misturadas, isto é, não estão organizadas por estilo, artista, ou qualquer outra categoria que padronize as características das músicas ali presentes, acontece de começar a reproduzir uma música mais lenta, logo em seguida de uma agitada. Quando isso ocorre, a música não passa despercebida por Mateus e ele logo vai à procura de alguma faixa que queira escutar naquele momento (Diário de Campo, 11/10/2019, p. 1).

Essa particularidade da escuta de Mateus e de tantas pessoas, caracterizada pela escuta conciliada a alguma outra atividade, é o que Nogueira (2014, p. 299) chama, a partir das teorias de Adorno, de escuta como “plano de fundo”. Conforme esse pensamento, um bom ouvinte é aquele que vivencia a música em sala de concerto ou ambientes privados, voltados apenas para a escuta de forma estética e não como entretenimento, como pontua a autora:

Sua [de Adorno] defesa visceral, e por vezes incompreendida, de uma música dita séria é coerente com a visão da apreciação musical como atividade intelectual, como algo mais complexo que o mero entretenimento. (NOGUEIRA, 2014, p. 300).

De acordo com Nogueira (2014), segundo as ideias adornianas, a escuta musical de Mateus seria uma escuta passiva, manipulada pelas ofertas mercadológicas culturais. No entanto, percebo que Mateus demonstra o contrário. Ele se mostra atento à música que está sendo reproduzida, da mesma forma que se atenta ao jogo ou a qualquer outra atividade que está praticando. Ele escolhe o que quer e o que não quer escutar. A escuta dele, mesmo que em envolvido em outras atividades, se mantém ativa, seletiva e

significativa, como pode ser evidenciada nos trechos abaixo do Diário de Campo:

Em seguida fomos para a brincadeira [“brincadeira de ouvir música”, procedimento de coleta de dados], mas antes disso ele tornou a ligar sua caixa de som. A primeira música que tocou foi "Perfeitinha", de Enzo Rabello. Seguindo a ordem de sua *playlist*, a música "Perfect" de Ed Sheeran, na versão instrumental tocou em seguida, mas logo no início ele parou o jogo, pediu para esperá-lo e foi mudar a música. Acredito que isso aconteceu por conta dessa última música ser mais lenta e também por ser instrumental, então não se encaixava no "clima" que ele estava (animado, agitado), assim optou por músicas mais agitadas, como "Crush" – que ele tanto gosta de ouvir, seguida de sertanejos universitários. (Diário de Campo, 11/10/2019, p. 1).

Quando uma música acabava e ele não queria ouvi-la, parava o jogo, trocava de música e voltava à sua atividade. Isso mostra que além de estar concentrado em sua brincadeira, conseguia se concentrar na música também. (Diário de Campo, 08/11/ 2019, p. 9).

A mesma coisa acontece em outras situações, como nos momentos em que Mateus está jogando *games* no celular ou no *iPad*; geralmente o faz escutando músicas de sua *playlist* no *Spotify* ou do *YouTube*. Salientando que a escolha dos dispositivos e das plataformas de distribuição musical usadas por Mateus para escutar música se dá de acordo com a disponibilidade desses itens, por exemplo, se ele estiver jogando no celular, os dispositivos disponíveis são o *iPad* e a televisão (dependendo do local em que ele se encontra).

Nessa atividade, ele não opta por estilos específicos, escuta músicas agitadas e lentas, dependendo do que está a fim de ouvir naquele momento. Lembrando que seu estado de humor e suas intenções podem variar de um dia para outro, assim, se a faixa reproduzida não lhe agrada, Mateus a muda imediatamente. Além disso, mesmo jogando, é difícil encontrá-lo escutando música parado no mesmo lugar. Nos momentos de vitória, por exemplo, ele se levanta e se mexe, pula, agita; mesmo nos momentos em que está esperando o jogo começar, ele está sempre em movimento.

Por ser uma criança bem ativa, Mateus está sempre em alguma atividade, jogando alguma das opções listadas acima, ou ainda em outras atividades, como andando de *overboard*, dançando. Mas existem também os

momentos em que ele coloca músicas para escutar e curte a situação. Não se configura, claro, como uma apreciação estética, mas é um momento em que ele se relaciona com a música por meio da dança e do seu corpo (Diário de Campo, 25/10/2019, p. 6). Para a criança, a música não está desassociada da brincadeira e do movimento, justamente por essas se relacionarem tão bem no cotidiano das crianças. É o momento em que elas revivem a música de maneira diferente e criam relações simbólicas (RAMOS, 2002).

Mesmo nos momentos em que dança e se movimenta, dificilmente Mateus escuta uma faixa por inteiro, do início ao fim. É como se ele escutasse apenas amostras de cada faixa, logo se cansa e muda (Diário de Campo, 25/10/2019, p. 6). Esse comportamento é potencializado pela escuta musical nas plataformas de *streaming*, que traz a possibilidade de mudar de faixa a qualquer momento.

Além do *Spotify*, nesses momentos Mateus também faz uso do *YouTube*, com o celular espelhado na televisão, justamente pela possibilidade da junção imagem-som. Assiste aos clipes originais das músicas, mas também gosta de assistir vídeos de coreografias, tentando imitar os passos dos dançarinos, criando seus próprios passos, pulando de um lado para o outro (Diário de Campo, 01/11/2019, p. 7). Ramos (2002) destaca a diferença da escuta que os meios de comunicação provocam, pontuando que “a televisão possibilita ver o que o artista realiza. A imitação dos gestos se desenvolve só a partir do que se vê, e não somente do que se escuta” (RAMOS, 2002, p. 111).

Para além dos contextos supramencionados, Mateus também encontra um jeito de “levar a música com ele”. Em algumas ocasiões em que fomos passear em locais públicos, como Shopping Center e restaurantes, eu o observei cantarolando alguma música:

Em um momento, ele começou a cantarolar uma música, mas não consegui reconhecer qual era, estava confusa entre a música “Deu Onda” e “O Bebê”. Mesmo não sabendo a letra toda, ele continuava cantarolando a melodia. (Diário de Campo, 08/11/2019, p. 8).

Já no shopping, depois de brincar no parquinho, passar em algumas lojas, sentamos para comer e enquanto esperávamos nosso pedido ficar pronto, Mateus cantarolava alguns trechos da música “Deu Onda”. (Diário de Campo, 30/11/2019, p.10).

Vemos que a música faz parte de Mateus, de suas características, suas preferências, suas formas de ver o mundo e de construir seu ponto de vista. Ele a faz presente nos momentos mais inesperados, tanto é que uma simples palavra se torna um gatilho para uma música ser lembrada por ele:

Estava ajudando Mateus fazer uma tarefa da escola em que tinha que escrever algumas palavras que rimavam com as que estavam no exercício. Uma delas era a palavra “falou”. Assim que ele leu começou cantar a música “Solidão” de Milionário e José Rico, na parte que a letra diz “Alguém me falou que você me enganou...”, frisando a palavra “falou” (Diário de Campo, 01/11/2019, p. 6-7).

A partir do período de férias escolares do início de 2020, passei a observar algumas diferenças nos hábitos diários de Mateus e, consequentemente, os momentos de escuta musical que ele vivenciava diminuiriam bastante, apesar de ainda existirem. O tempo que antes ele dedicava ao basquete ou a assistir filmes e novelas infantis, foi sendo substituído pelos jogos *online*, o que, geralmente, faz jogando e conversando simultaneamente com os amigos, seja pelo próprio console (administrador do jogo), ou por outro dispositivo (Diário de Campo, fev. 2020, p. 11).

Após ganhar um videogame, em seu tempo livre Mateus tem se dedicado ao famoso *Fortnite*<sup>20</sup>, jogo que virou febre entre os admiradores de *games* atualmente. Quando não está em aula remota ou atividades escolares, geralmente está em frente à televisão jogando com os amigos. Nesse sentido, seus momentos de escuta musical diminuiriam apesar de não se anular. Bem no início do jogo, ao esperar os amigos entrarem no servidor para jogarem juntos, aguardando a partida carregar, a trilha sonora do *game* é reproduzida enquanto seu personagem fica dançando uma coreografia já programada e, claro, que essa coreografia não passou despercebida por ele. Mateus acabou por aprendê-la e enquanto o jogo não se inicia, ele fica dançando com o personagem.

Apesar de os jogos tomarem o tempo em que Mateus escutava música no contexto de atividades diversas em 2019, a partir de 2020 eles passam a

---

<sup>20</sup> *Fortnite* é um jogo de batalha e sobrevivência desenvolvido pela *Epic Games*, considerado um dos maiores sucesso do gênero, e ainda está entre os games online mais jogados atualmente. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2019/05/o-que-significa-fortnite-perguntas-e-respostas-sobre-o-battle-royale.ghtml>. Acesso em: 21 maio 2021.

ser significativos como fontes de escuta para Mateus, ou seja, passam a exercer a função de apresentar-lhes músicas e estimular-lhe significados através das trilhas sonoras que oferecem. Mas, como visto, ainda assim Mateus tem vivências anteriores a essa fase intensa dos jogos e consequentemente, a música parece ter-lhe tal significado que dificilmente será anulada por outra atividade, além das diversas fontes continuarem a estimular a sua escuta.

Durante o ano de 2020, Mateus foi ainda inserido em um ambiente sonoro diferente ao que já estava acostumado devido ao nascimento de sua irmã – a qual observei ser também bastante estimulada musicalmente pela escuta do repertório dos pais e do irmão. Desde que a irmã nasceu, Mateus passa diariamente um bom tempo em contato com clipes de músicas infantis no *YouTube* – como Palavra Cantada, Mundo Bitá, entre outros. Com esse novo arranjo familiar, e o lugar do repertório destinado à irmã, Mateus passou a reviver músicas que ele já não escutava há tempos – apesar de não podermos dizer que essa revivência se configure como um momento de escuta, pois ele não as escuta de fato, apenas as ouve.

Recapitulando, é importante pontuar que a indústria cultural e o desenvolvimento tecnológico provocaram outros tipos de escuta e consequentemente atribuíram outras funções e significados à música, bem como aos contextos e situações em que ela é vivenciada. Assim, para Mateus, a música tem funções diferentes conforme os vários contextos e situações de sua rotina, por isso seu repertório é tão variado, possibilitando que ele construa suas preferências voltadas, também, para usos e finalidades diferentes.

### **3.4 Músicas que agradam a Mateus**

Na presente seção trago um panorama das músicas que agradam a Mateus e os motivos que levam a isso, seja pelo ritmo, sensações ou por relações que ele estabelece entre elas. As músicas mencionadas nessa categoria analítica foram identificadas principalmente nas “brincadeiras de ouvir música” propostas a ele no início da pesquisa, mas também identificadas no seu dia a dia a partir de nossos diálogos e de suas reações – que observei em

suas escutas. No geral, essas músicas compõem suas preferências e consequentemente são adicionadas em sua *playlist*.

Logo no início, ao lhe pedir permissão/consentimento para fazer a pesquisa, Mateus já me contou sobre sua admiração por alguns tipos música:

O chamei na sala e expliquei que estava fazendo uma pesquisa na faculdade sobre o gosto musical das crianças e disse que queria pesquisar o que ele gostava de ouvir, perguntei se podia e ele respondeu: "Pode, eu gosto de funk e de sertanejo." (Diário de Campo, 11/10/2019, p. 1).

As “brincadeiras de ouvir música”, realizadas no início da coleta de dados, foram pensadas com o intuito de analisar se ele ainda se sentia inclinado a ouvir as músicas de sua *playlist*, principalmente aquelas adicionadas há mais tempo. Como Mateus havia compartilhado a *playlist* dele comigo, facilitou-me o (re)conhecimento de suas preferências musicais em vários momentos e fases de sua vida dos últimos anos. Dessa forma, eu escolhia uma música, colocava para reproduzir e ele me falava se gostava ou não, sem saber que eram as músicas de sua própria *playlist* (Diário de Campo, 11/10/2019, p.1).

Pude perceber que ele reconheceu a maioria delas e aparentou ainda gostar de ouvi-las. Algumas músicas ele cantarolava junto, outras contava quem a tinha lhe apresentado, outras ainda, em que momento ele havia descoberto – foi o caso da música "*Here Comes the Sun*"<sup>21</sup>, dos Beatles, que ele foi logo me dizendo tratar-se de uma “música da escola”, por conta do show “Beatles para crianças”, organizado pela escola e assistido por ele uns anos atrás (Diário de Campo, 11/10/2019, p. 3). Apesar dele se lembrar da música, Mateus pediu para eu lhe ditar o nome porque queria baixá-la na sua *playlist* do celular. Provavelmente havia se esquecido da presença dessa música em sua lista de reprodução por já fazer algum tempo que não a escutava, mas também era uma forma de facilitar a localização da música, como já explicado na seção 4.2, *Fontes de onde procedem as músicas que Mateus escuta*.

---

<sup>21</sup> Autoria de George Harrison. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xUNqsfFUwhY>. Acesso em: 22 maio 2021.

Numa dessas “brincadeiras de ouvir música”, Mateus me apresentou a música “Solidão<sup>22</sup>” de Milionário e José Rico. Surpresa com essa demonstração, procurei compreender porque essa música lhe agradava, já que eu havia lhe mostrado outras música dessa mesma dupla e ele fez cara feia. Mateus explicou que ele gostava dessa música porque o padrinho gostava e ele o ouvia cantar (Diário de Campo, 25/10/2019, p. 5). É provável que ele já tinha ouvido essa música diversas vezes por conta da escuta do pai, mas só se configurou como uma experiência marcante devido a escuta do padrinho. Assim, foi estabelecida uma relação afetiva e simbólica entre Mateus, a música e o padrinho.

No geral, as músicas da *playlist* de Mateus que foram usadas nessas brincadeiras pertenciam a uma diversidade de gêneros, entre eles: o pop internacional, o sertanejo universitário, algumas MPBs que ele descobriu a partir das novelas infantis que assiste, como a música “Palco<sup>23</sup>” de Gilberto Gil e “Velha Infância<sup>24</sup>” dos Tribalistas, ambas lançadas há anos – respectivamente 1981 e 2002. Outros gêneros também se fazem presentes na *playlist* dele, mas o que realça é o funk.

Os cantores mirins também chamam muita atenção de Mateus e fazem parte de sua *playlist*, como algumas das músicas cantadas por Enzo Rabelo e MC Bruninho. Escutando-as, Mateus costuma cantar junto, imitar os gestos corporais e expressões faciais que ele vê os cantores fazendo (Diário de Campo, fev. 2020, p. 11). Talvez se identifique por conta da idade e também pelo timbre, altura e extensão vocal.

Em outro momento também passei apresentar músicas novas para Mateus, músicas que não estavam em sua *playlist*. Observei que ele demonstrava mais interesse quando eu lhe apresentava outros funks e pedia para adicioná-los em sua *playlist*; o interesse por músicas dos demais gêneros variava – ora pedia para adicionar a sua lista, ora não.

---

<sup>22</sup> Autoria de José Rico e Cristovam Rei. Música gravada pela dupla Milionário e José Rico. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zWo9kycSOAA>. Acesso em: 22 maio 2021.

<sup>23</sup> Versão Chiquititas. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=2oIV\\_rXC9Io](https://www.youtube.com/watch?v=2oIV_rXC9Io). Acesso em: 22 maio 2021.

<sup>24</sup> Autoria dos Tribalistas – Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown e Marisa Monte – e de Pedro Baby. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iyJDuJggiEM>. Acesso em: 22 maio 2021.

Pelo fato de Mateus apresentar preferência por músicas mais agitadas, os *remixes* estão cada vez mais presentes em seu repertório. Em alguns casos, ele tem a mesma música adicionada em sua *playlist* em versões diferentes, a original e a remixada, como é o caso da música “Trem-bala<sup>25</sup>” de Ana Vilela e “*Faded*<sup>26</sup>” de Alan Walker. Há também na *playlist* algumas músicas nas versões original e instrumental; a versão instrumental geralmente se apresenta menos agitada em relação à original cantada, como o caso da música “*Perfect*<sup>27</sup>” de Ed Sheeran e “*Havana*<sup>28</sup>” de Camila Cabello. A escolha pela versão original, remixada ou instrumental varia de acordo com o momento, situação e atividade praticada por ele. Em atividades que requer dele mais animação e disposição, Mateus geralmente opta pelas versões mais agitadas, como a remixada ou até mesmo a original, mas se em uma dessas situações agitadas, sua lista começar a reproduzir a versão instrumental, ele tende a parar sua atividade e mudar a faixa (Diário de Campo, 11/10/2019, p. 1).

Falando de música instrumental, é interessante citar a música “Balada para Adelina” (Paul de Senneville e Olivier Toussaint; gravada por Richard Clayderman), que marca uma relação afetiva e simbólica para Mateus. Anos atrás, eu e meus irmãos aprendemos a tocar um trecho dessa música no teclado com os pais de Mateus. Com o passar dos anos, ele nos vendo tocar, pedia para aprender e com três anos de idade já conseguia tocar algumas frases dessa música no teclado. Assim, durante algum tempo essa música também fez parte de sua *playlist* e foi escutada várias vezes por Mateus, que sempre fazia essa relação com a música tocada no teclado e com seus familiares.

Durante as “brincadeiras de ouvir música”, escolhi para escutarmos a versão remixada da música “Trem-bala” de Ana Vilela com o intuito de observar

---

<sup>25</sup> Versão original, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sWhy1VcvvgY>. Acesso em: 22 maio 2021.

<sup>26</sup> Autoria de Alan Walker, Jesper Borgen, Mood Melodies e Gunnar Greve. Versão original, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=60ItHLz5WEA>. Acesso em: 22 mai. 2021. Versão remixada, disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=s0khp\\_WrcRU](https://www.youtube.com/watch?v=s0khp_WrcRU). Acesso em: 22 maio 2021.

<sup>27</sup> Versão original, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2Vv-BfVoq4g>. Acesso em: 22 maio 2021.

<sup>28</sup> Autoria de Camila Cabello, Jefferey Williams, Louis Bell, Kaan Gunesberk, Adam Feeney, Brittany Hazzard, Ali Tamposi, Brian Lee, Andrew Watt, Pharrell Williams. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HCjNJDZw8Y>. Acesso em: 22 maio 2021.

a reação de Mateus. Ele demorou a reconhecer a música, já que nessa versão a parte cantada demora um pouco mais para começar, mas logo que reconheceu também pediu para baixá-la novamente em sua *playlist* (Diário de Campo, 11/10/2019, p. 3). Atualmente, somos convidados para a escuta de novas músicas a todo momento, além da possibilidade de revivermos músicas “antigas”; dessa forma, é cada vez mais difícil lembrar de todas aquelas que nos agradam. Elas não estão sempre disponíveis em nossa memória. A letra da música acaba sendo uma pista, um gatilho importante para nos lembrarmos delas.

Ainda que Mateus apresente preferência por músicas mais agitadas, há também em sua *playlist* outras mais calmas. Elas não lhe desagradam, porém têm menos função em seu dia a dia. Imagino que devido a sua pouca idade, quando as crianças acabam se expressando muito com o corpo.

Com a facilidade que as plataformas de *streaming* trouxeram em recuperar músicas de diferentes anos e épocas, e também com a convivência da escuta do pai, Mateus tem em sua *playlist*, faixas que estiveram nas paradas de sucesso de diversos anos, até mesmo antes dele nascer ou ainda dos primeiros anos de sua vida, como o caso da música “Show das Poderosas<sup>29</sup>”, cantada por Anita, e que “estourou” em 2013, quando Mateus tinha um ano de idade; da música “*Faded*” de Alan Walker, lançada no ano de 2015; de “Eu quero tchu, eu quero tcha<sup>30</sup>”, da dupla João Lucas e Marcelo, “estourada” no ano de 2011, quando Mateus ainda nem era nascido. Essas, ele passou a ouvir anos depois de lançadas e “estouradas” nas paradas de sucesso, mediante as formas e possibilidades atuais de recuperar e reviver músicas.

Apesar de algumas vezes Mateus se esquecer das músicas que já tem adicionadas à *playlist*, e pedir para adicioná-las novamente, essa forma de organização do repertório se faz útil para ele ir reafirmando cada vez mais suas preferências. Tanto é que periodicamente ele aparece escutando músicas que ele já não ouvia há semanas, ou seja, facilita a repescagem de músicas há

---

<sup>29</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FGViL3CYRwg>. Acesso em: 22 maio 2021.

<sup>30</sup> Autoria de Shylton Fernandes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gM8gsn72jR0>. Acesso em: 22 maio 2021.

tempos não escutadas. É uma forma de se lembrar das faixas que lhe agradam e não as deixarem desaparecer com o tempo.

Percebe-se que a escuta e as preferências de Mateus não são guiadas por gênero musical, nem mesmo por artista, e sim por faixas (exemplares de diversos gêneros) que o chamam atenção pelo ritmo, *swing*, sensações, lembranças e relações afetivas. Mateus não tem muito clara essa diferenciação de gêneros musicais, assim, aqueles que se assemelham mais, ele tende a confundir, como o caso do funk e do rap.

Ele colocou para tocar um rap nacional, se não me engano era do Projota ou algo do tipo, não consegui ver no momento. Nisso, Mateus virou para meu irmão e falou “Você sabia que minha música preferida é o funk?”, e ele começou comentar sobre isso (Diário de Campo, 13/12/2019, p. 10).

Essa ambiguidade na identificação do gênero também pode ser observada em outro momento como quando mostrei a música “*Highway to Hell*”<sup>31</sup> da banda AC/DC, que ele já tinha em sua *playlist*, e ele disse gostar de rock’n roll, apesar de não ter outras músicas desse gênero em seu repertório (Diário de Campo, 11/10/2019, p. 3). Nesse sentido, não é possível afirmar a preferência por esse gênero, mas por uma música isolada em específico.

O serviço de *streaming* e o vasto número de *playlists* voltadas para diversas situações e contextos possibilitaram essa nova forma de escutar música sem necessariamente nos vincularmos a um ou mais gêneros musicais. Assim, a escuta musical acompanha a evolução dos aparelhos tecnológicos, das tecnologias de distribuição e das características estéticas.

Recapitulando, dentre o vasto leque de possibilidades de músicas que chegam a Mateus diariamente, ele se faz ativo na escolha das que lhe agradam. Pelo fato de Mateus ainda ser uma criança com muita disposição, acaba se expressando muito corporalmente. Diante disso, tende a preferir músicas que viabilize e medie essa sua forma de expressão. No geral, as músicas que lhe agradam são aquelas que o marcam de alguma maneira, seja pela relação estabelecida entre a música, a situação, o contexto e

---

<sup>31</sup> Autoria de Angus Young, Malcolm Young e Bon Scott. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l482T0yNkeo>. Acesso em: 22 maio 2021.

especialmente às pessoas, mas também pelo ritmo, e outras características estéticas que o levam a preferir um a outro.

### **3.5 Músicas ouvidas por Mateus e que não lhe agradam**

Esta seção vai tratar das músicas que Mateus ouve e que não lhe agradam. Lembrando que as músicas ouvidas são aquelas que não tomam a atenção e interesse de Mateus, atuando como plano de fundo no seu dia a dia.

No geral, as músicas ouvidas por Mateus são aquelas que estão presentes no seu contexto familiar, mas não o agradam. A diferença é que, quando ele está no controle das músicas reproduzidas, pode mudar a faixa que não lhe agrada, caso contrário, Mateus acaba por acostumar com esses sons e colocá-los como plano de fundo, deixando de ser uma escuta atenta. Inclusive, um dos motivos que me levou a escolher as preferências musicais como tema de pesquisa foi uma situação semelhante a essa.

Pelo fato de Mateus viver num contexto familiar onde a música do tipo sertanejo raiz se faz muito presente, poderia ser lógico pensar que ele compartilharia do gosto musical de seus familiares. No entanto, ele não apresentava inclinação por escutar esse tipo de música em seus momentos e experiências musicais individuais. Instigada a saber sua opinião sobre esse tipo de música, em um encontro familiar onde se podia ouvir no rádio algo de Milionário e José Rico, questionei-o sobre o que ele achava da música daquela dupla. Antes de me responder, Mateus precisou parar o que estava fazendo e chegar mais próximo do rádio, ouvir a música que estava tocando, para voltar a mim dizendo que não gostava.

Refletindo sobre seu comportamento para chegar àquela resposta, elaborei a hipótese de que ele, embora tenha dito não gostar desse tipo de música, não se sentia incomodado ao ouvi-la nessas situações, pois esse tipo de música passou a fazer parte do seu ambiente sonoro, portanto, se tornou um plano de fundo no contexto familiar onde vive. É como ocorre com os sons dos pássaros no nosso dia a dia, se não nos atentarmos a esse som, provavelmente passará despercebido à nossa escuta. Portanto nessas situações, Mateus ouve, e não escuta atentamente. Tanto é que, nos encontros familiares, onde geralmente esse gênero musical é vivenciado em conjunto pelo restante da família, Mateus também escuta seu repertório

simultaneamente em outro ambiente da casa, deixando de lado o que não lhe agrada e recorrendo às suas preferências.

Além disso, apesar do sertanejo raiz estar presente no cotidiano de Mateus, não encontrei faixas desse gênero musical em sua *playlist* – com exceção da música “Solidão” de Milionário e José Rico, que tem uma referência afetiva para ele, conforme visto no item 4.4 *Músicas que agradam Mateus*. A escuta de “Solidão” para Mateus é ativa, enquanto a do gênero Sertanejo Raiz não, é apenas plano de fundo. Portanto, em um leque amplo de possibilidades, Mateus escolhe o que quer escutar, o que lhe agrada, o que prefere.

Outra situação que nos traz essa ideia de ouvir música – em contraposição à escuta – se dá em relação às músicas infantis, também presentes em seu contexto familiar. Especialmente depois do nascimento de sua irmã em janeiro de 2020, Mateus foi inserido em um ambiente sonoro diferente do que estava habituado, passando a assistir aos clipes de músicas infantis dos canais no *YouTube*. Como visto no item 4.3 *Contextos e situações da escuta musical de Mateus*, nesse seu novo arranjo familiar, Mateus tem revivido um repertório que já não escutava mais, porém, ainda assim, observei que esta não se configura como uma situação de escuta, pois geralmente as canções passam despercebidas por ele, já que Mateus – mesmo com a televisão ligada, está sempre envolvido em suas atividades e com seu próprio repertório. E, apesar de ele saber cantar algumas dessas músicas infantis reproduzidas para a irmã, observei Mateus se queixar de que não aguentava mais ouvi-las. Além disso, nenhuma delas está presente em sua *playlist*.

Sintetizando, nem todo o repertório presente no cotidiano de Mateus, mesmo que com intensidade como nas situações relatadas, o agrada, e nem se configura como uma opção de escuta. A família, a escola e a indústria cultural, instituições que o cercam, podem sim emoldurar a sua escuta e, conseqüentemente, as suas preferências musicais, mas não passivamente, já que o filtro de Mateus se mantém ativo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como tema as preferências musicais na infância, essa pesquisa de abordagem qualitativa se deu a partir de um estudo de caso com meu primo Mateus, uma criança de sete anos de idade, que tem uma bagagem de escuta e interação musical bastante estimulada em seu entorno familiar.

A pesquisa teve como objetivo geral compreender os aspectos envolvidos na construção das preferências musicais infantis. Com isso em mente, elegi os seguintes objetivos específicos para estruturar o plano de investigação: identificar as músicas ouvidas por Mateus, criança colaboradora e referência da pesquisa; identificar os contextos e situações em que ele costuma escutar música e quais músicas são escutadas nesses contextos; identificar as fontes e os dispositivos a partir dos quais ele escuta música; identificar as músicas que mais lhe agradam, bem como as que não lhe agradam; compreender as razões pelas quais as músicas de sua preferência lhe agradam.

Para adentrar ao tema sobre as preferências, levei em conta a diferenciação entre os termos “gosto” e “preferência” musical, que em muitos trabalhos acadêmicos são tomados um pelo outro (SUBTIL, 2003; OSTETTO, 2008; PEIXOTO, 2013). Dessa forma, baseando-me em Ilari (2009), pontuei a diferença entre eles a partir da estabilidade e da familiaridade em relação à música, sendo que, no geral, o gosto musical se sedimenta pela padronização e estabilidade das preferências musicais. Já as preferências são instáveis, aparecem e desaparecem com o tempo, conforme vamos conhecendo coisas novas.

No âmbito da pesquisa, tornou-se importante ressaltar essas diferenças já que investiguei as preferências musicais de uma criança que é constantemente apresentada a novas músicas, artistas e gêneros musicais, sendo Mateus tão ligado às mídias digitais e às plataformas de *streaming*. Portanto, suas preferências vão se alterando em diferentes momentos da sua vida, conforme convive com diferentes pessoas e ambientes, conforme assiste a filmes e novelas, joga *games* e navega na internet.

Respaldando-me nos estudos da sociologia da infância (MARCHI, 2018; RODRIGUES; BORGES; SILVA, 2004), prezei pelo cuidado em minha relação

com Mateus enquanto pesquisadora, buscando escutar e dar valor às suas falas e posicionamentos, bem como deixá-lo a par do que estava para acontecer durante a coleta de dados. Dessa forma, desde o início da pesquisa, pedi permissão ao próprio Mateus para realizá-la, o qual me acolheu com tranquilidade. Nesse sentido, o fato de eu ser sua prima e ter uma relação de bastante proximidade com ele beneficiou tanto a sua aceitação em participar da pesquisa (já que ele me enxergava como prima e não pesquisadora), quanto favoreceu a coleta de dados, visto que essa se dava em ambientes familiares e “naturais” para Mateus. Por isso, ele se sentia à vontade em me mostrar seu repertório, interagir com ele na minha presença, falar comigo sobre as músicas que gosta além de me envolver nas suas interações com elas. Por essas razões, foi possível estar imersa no mundo musical de Mateus.

Para a análise dos resultados obtidos, categorizamo-nos por temáticas baseadas nos objetivos específicos da pesquisa, sendo todas elas bastante interligadas umas às outras. Por essa razão, talvez a textualização tenha se tornado um pouco repetitiva, mas os dados foram analisados por ângulos diferentes, sempre procurando relacioná-los às temáticas das outras categorias – quando era o caso.

Lembrando que as preferências musicais de Mateus são construídas principalmente através da escuta, as fontes de onde procedem a escuta musical de Mateus, ou seja, as instâncias socioculturais em que conhece, descobre, vive e revive as músicas que passam a fazer parte da sua escuta são: a família, a escola e a indústria cultural.

Não dá para negar que a família exerce grande força na formação das preferências das crianças. No entanto, é equivocado dizer que isso acontece de forma passiva, já que a criança aprende a gostar ou não do que os pais e demais familiares vivenciam. Fato esse perceptível ao observar que o pai de Mateus, em especial, é responsável por apresentar muitas das músicas que fazem parte do repertório e das preferências do filho. Mas, ao mesmo tempo, a música do tipo sertanejo raiz, um gênero musical bastante apreciado pelo pai, não faz parte das preferências de Mateus que, pelo contrário, demonstrou não gostar dessa música.

Ainda assim, pelo fato de seu pai pertencer a uma geração diferente e também por ter uma relação muito intensa com a música, Mateus acaba

descobrimos e escutando músicas que estão além do seu tempo, músicas essas que foram lançadas ou estiveram nas paradas de sucesso antes mesmo dele nascer ou em seus primeiros anos de vida. Isso traz à tona a importância das plataformas de *streaming* para a escuta musical de Mateus, que se caracteriza como o meio por onde Mateus mais escuta, reúne e coleciona as músicas de sua preferência em *playlist*.

As plataformas de *streaming* mais usadas por Mateus são o *Spotify* e o *YouTube*, sendo que a escolha de qual usar depende da sua intenção com a música, dos contextos onde está e da situação em que está envolvido em dado momento, além dos dispositivos que tem à mão para acessá-las. Portanto, plataformas de *streaming*, dispositivos e contextos são fatores que se entrelaçam na escuta musical de Mateus.

Diante da facilidade e instantaneidade de acesso a uma infinidade de músicas com poucos cliques na tela do dispositivo, as plataformas de *streaming* permitem a Mateus encontrar as músicas novas e antigas que lhe são apresentadas pelo pai, recuperar músicas que já escutou em determinada época e deseja revivê-las, bem como, descobrir novas músicas a partir das sugestões que o algoritmo recomenda com base na análise do repertório por ele escutado.

Com base nos resultados que me foi possível coletar com Mateus em seu ambiente familiar, a escola foi a instância que menos demonstrou exercer força na construção de suas preferências musicais. Lembrando que não o estive observando no ambiente escolar, assim, não posso dizer como se dá a interação que Mateus estabelece com a música nessa instância, mas a partir de seus próprios relatos e também dos relatos de seus pais, percebi que a música vivenciada por ele na escola refere-se mais ao repertório infantil, e este não foi encontrado em sua *playlist*, portanto não o caracterizei como uma de suas preferências musicais.

Observei que, para Mateus, a música tem usos e funções diferentes a depender dos locais, contextos e situações em que ele se encontra, optando por músicas mais agitadas quando seu humor e estado de espírito requer mais energia – como nos momentos em que se encontra jogando basquete, brincando de *overboard*, jogando *games* no celular ou no *iPad*, ou ainda no videogame. Nesses momentos ele se empolga, escuta música, joga, ao mesmo

tempo em que se movimenta, pula, comemora alguma vitória ou lamenta as derrotas nos jogos. Em outras situações, aceita outros estilos de música também, mais lentas, instrumentais, como por exemplo quando escuta música ao mesmo tempo que assiste novelas infantis.

Os diferentes dispositivos – celular, *tablet*, televisão, fones, caixas de som – são buscados de forma a atender às necessidades dos diferentes contextos e situações de sua escuta. Mateus usa os dispositivos menores, caso do celular, fáceis de serem carregados para qualquer lugar, quando brinca de jogar basquete ou quando sai para outros lugares fora de casa; os dispositivos maiores como o *iPad* e a televisão lhe favorecem o uso do *YouTube*, *streaming* muito utilizado por ele para “ver música” (FIALHO *apud* SOUZA, 2008), quando sua intenção é assistir a clipes musicais, ou dançar conforme os passos dos coreógrafos. Mateus é um garoto que desde novinho interage muito com os dispositivos eletrônicos, cuja disponibilidade lhe é facultada devido às condições socioeconômicas favorecidas em que vive. Assim, como ele passa grande parte do tempo jogando *games* em seus diferentes dispositivos, escolhe para escutar ou “ver” música aquele que não está sendo utilizado no momento em que está jogando.

Mateus tem o hábito de amplificar o som dos dispositivos conectando-os em caixas de som, visto que o volume alto é uma das características de sua escuta musical. Ele tem à sua disposição duas caixas de som, uma maior e outra menor, essa que o possibilita carregar para outros lugares, gerando também mais uma opção de escolha para ele. A caixa de som maior geralmente fica em sua casa, ainda que já tenha acontecido de levá-la para a casa de seus avós. A caixa menor é a que mais lhe acompanha, pela fácil portabilidade. Diante de todas essas possibilidades e disponibilidades tecnológicas, percebo que Mateus cria estratégias que otimizam a sua escuta musical nos diversos tempos e espaços.

Pela convivência com o pai, que tem uma escuta bem diversificada em termos de gêneros musicais, e também pela forma característica da escuta musical atual que se dá com *playlists* que não se vincula necessariamente a gêneros musicais ou artistas específicos (BEZZI, 2019), Mateus também se mostra bem eclético e aberto a diversos estilos musicais, ainda que alguns se sobressaíam mais que outros.

O motivo de Mateus apresentar inclinação por uma música em relação a outra se dá pela relação que é construída entre ele, a música, os contextos e situações vividas, bem como a relação afetiva que ele estabelece com outras pessoas, como no caso da música “Solidão” de Milionário e José Rico, que ele diz gostar por se lembrar do gosto musical de seu padrinho. Outro fator que o leva a preferir determinadas músicas diz respeito ao ritmo. Ainda que em seu repertório tenha músicas mais lentas, Mateus tende a preferir aquelas de caráter mais agitado.

Ainda que os gêneros musicais não me pareceram um critério de seletividade para as preferências musicais de Mateus, o que mais se faz presente em sua *playlist* é o funk. Se por um lado, em sua *playlist* foram encontradas músicas de diversos gêneros musicais como o pop internacional, o sertanejo universitário, MPB (gênero que não procede do ambiente familiar, mas das novelas infantis que assiste), rock, pagode, música eletrônica, por outro, vimos que apesar do sertanejo raiz e das músicas infantis não fazerem parte da sua seleção, são gêneros musicais com que convive em seu dia a dia com a família.

Ainda que seu pai, avós e tios gostem da música sertaneja raiz, em diversas situações Mateus deixou claro não gostar desse tipo de música. O mesmo ocorre com as músicas infantis que passaram a se fazer presentes no novo arranjo familiar configurado com o nascimento de sua irmãzinha. Entretanto, embora Mateus afirme não gostar dessas músicas, observei que ele parece ter transformado essas sonoridades em um plano de fundo. Se não se atentar, nem percebe o que está sendo reproduzido.

Dessa forma, concluo que nem toda música que faz parte do contexto sonoro de Mateus configura como sua preferência, nem faz parte de seu repertório. Sua escuta musical é, sim, emoldurada pelas instâncias socioculturais onde vive – especialmente pela indústria cultural, mas ele se faz ativo na escolha do que quer ou não escutar, quando e porque quer escutar determinada música ou quando e porque prefere outra.

Além disso, concluo que a preferência musical de Mateus não está relacionada somente com o repertório musical com que interage, mas também com outras escolhas, como a preferência por ouvir música em volume alto, a

preferência por tal ou qual dispositivo e plataforma de conteúdo – que dependerá dos diferentes contextos e situações em que estiver.

Ainda, pensando nos conceitos de gosto e preferência tais quais discutidos por Ilari (2009), devido às características da escuta e da interação musical mediada pelas plataformas de *streaming*, marcada pela efemeridade, pelo vasto acervo musical acessível, e também pela facilidade em acessá-lo, levanto a hipótese de que estamos sujeitos a mudar cada vez mais nossas preferências, ao invés de a estabilizarmos em forma de gosto musical, tamanho o “bombardeio” de informações, músicas e artistas que nos chegam e nos desaparecem para dar lugar a novas e novas músicas a todo instante.

Considerar a escuta e as várias formas de interação musical que os alunos constroem em ambientes socioculturais como a família, os amigos (seja ou não em instituições de ensino), a indústria cultural e a internet, vem se mostrando cada vez mais importante para um ensino de música significativo. Considerar as preferências, teorias e posicionamentos que as crianças constroem sobre música só tende a beneficiar o processo pedagógico-musical, trazendo os alunos para mais perto do professor, que poderá instigar seus interesses, além de que é uma forma de valorizar as vivências e experiências de cada um. Mas, mais do que isso, essa pesquisa vem levantar a questão sobre considerar a subjetividade do aluno, respeitando e reconhecendo-o como ser social autônomo, que tem sua própria vivência musical com um repertório que é criteriosamente selecionado por ele e que pauta suas preferências musicais. Uma criança, no olhar da Sociologia da Infância, mesmo que vá amadurecendo e se transformando conforme suas vivências e suas descobertas, está pronta como criança. É importante ampliar a perspectiva que se tem da criança, dando-lhe voz, reconhecendo suas experiências musicais e legitimando suas preferências. Preferências que podem não ser iguais às do professor, mas não é por isso que são menos importantes, que devam ser subjugadas. É importante refletir sobre o que a cultura da criança é capaz de nos dizer.

Por fim, lembrando que o objetivo deste trabalho foi compreender os aspectos envolvidos na construção das preferências musicais na infância, no decorrer da análise e reflexão sobre os resultados obtidos surgiram outras temáticas que podem ser investigadas em outras pesquisas como a

aprendizagem musical que acontece na interação com a música mediada pelo *streaming* e/ou com as redes sociais; as relações entre “música de adulto” e “música de criança” e como as crianças lidam com elas.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. A sociologia da infância no Brasil: uma área em construção. *Educação*, Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 39 - 52, jan/abr. 2010. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacao>. Acesso em: 22 maio 2021.

ANDRADE, Jimmy. Formatos de áudio: tudo o que os músicos precisam saber para escolher o arquivo certo. *LANDR*, 2016. Disponível em: <https://blog.landr.com/pt-br/formatos-de-audio-tudo-o-que-os-musicos-precisam-saber-para-escolher-o-arquivo-certo/>. Acesso em: 22 maio 2021.

BEZZI, Marco. Geração streaming: como aplicativos e playlists mudam a relação das novas gerações com a música. *BBC Brasil*, 14 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49644698>. Acesso em: 22 maio 2021.

CAMARGO, Cristina Moura Emboaba da Costa Julião de. Ouvir é escutar? *REVISTA TULHA*, Ribeirão Preto, v. I, n. 1, p. 264 - 277, jan/jun.2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistadatulha/article/view/107707/106081>. Acesso em: 22 maio 2021.

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa Qualitativa. In \_\_\_\_\_. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1991. p. 77 - 104.

DANIEL, Túlio. Remix: das Teorias da Comunicação aos desafios do *TikTok*. 4. *Estações*, 2020. Disponível em: <https://www.blogquatroestacoes.com.br/post/remix-das-teorias-da-comunicacao-aos-desafios-do-tiktok>. Acesso em: 22 maio 2021.

FIGUEIREDO, Carolina D. de; BARBOSA, Renata Regina M. de O. *Spotify e construção do gosto: uma breve análise sobre a oferta de playlists pela plataforma*. *Signos do Consumo*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 28 - 39, jul/dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-5057.v11i2p28-39>. Acesso em: 22 maio 2021.

GOMES, Thaís. Relação de crianças de 0 a 5 anos com dispositivos móveis com telas sensíveis ao toque. *Relatório anual*, Departamento de Educação/PUCRio, 2016. Disponível em: [http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio\\_resumo2016/relatorios\\_pdf/ctch/EDU/EDU-Tha%C3%ADs%20Gomes.pdf](http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2016/relatorios_pdf/ctch/EDU/EDU-Tha%C3%ADs%20Gomes.pdf). Acesso em: 22 maio 2021.

HARGREAVES, David J.; NORTH, Adrian C.; TARRANT, Mark. Musical preference and taste in childhood and adolescence. In: MacPHERSON (Org.). *The child as musician*. Oxford: Oxford University Press, 2006, p. 135 - 154. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780198530329.003.0007>. Acesso em: 22 maio 2021.

HUMMES, Júlia Maria. Por que é importante o ensino de música? Considerações sobre as funções da música na sociedade e na escola. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 11, 17 - 25, set. 2004. Disponível em: [http://www.abemeducacaomusical.com.br/revista\\_abem/ed11/revista11\\_artigo2.pdf](http://www.abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed11/revista11_artigo2.pdf). Acesso em: 22 maio 2021.

ILARI, Beatriz. *Música na infância e na adolescência*: um livro para pais, professores e aficionados. Curitiba: Ibpex, 2009.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20 - 28, jan/fev/mar/abr. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 22 maio 2021.

MARCHI, Rita de Cássia. Pesquisa Etnográfica com crianças: participação, voz e ética. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 727 - 746, abr/jun. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623668737>. Acesso em: 22 maio 2021.

MENDES, Telma T. J. *A música online*: uso de plataformas *streaming* e a sua influência na descoberta e no gosto. 2019. 44 f. Dissertação (Mestrado), Departamento de Sociologia e Políticas Públicas, Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa, Portugal, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/19085>. Acesso em: 22 maio 2021.

MOSCHETTA, Pedro H.; VIEIRA, Jorge. Música na era do *streaming*: curadoria e descoberta musical no *Spotify*. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 20, n. 49, p. 258 - 292, set/dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/15174522-02004911>. Acesso em: 22 maio 2021.

NOGUEIRA, Monique Andries. Adorno e os tipos de comportamento musical: atualidades e limites de uma categorização. *Inter-Ação*, Goiânia, v. 39, n. 2, p. 297-310, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ia.v39i2.31709>. Acesso em: 22 maio 2021.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. "Mas as crianças gostam!" ou sobre gostos e repertórios musicais. In: OSTETTO, Luciana E.; LEITE, Maria Isabel. *Arte, infância e formação de professores*: autoria e transgressão. Campinas: Papirus, 2004. p. 41-60.

PEIXOTO, Sandra Filipa Louro. *O gosto musical no jardim de infância e na creche*: descobrindo o gosto e os géneros musicais na família e com os amigos. 2013. 122f. Relatório de Estágio, Mestrado em Educação Pré-Escolar, Universidade do Minho, Portugal, 2013. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/28848>. Acesso em: 22 maio 2021.

PINA, Marguerita Harris de. *A desmaterialização da música*. 2014. Disponível em: <https://reportersombra.com/a-desmaterializacao-da-musica/>. Acesso em: 22 maio 2021.

POLIVANOV, B. B; WALTENBERG, L. Synthetica: reflexões acerca da (i)materialidade da música em álbuns-aplicativo. *Galaxia* (São Paulo, Online), n. 29, p. 262 - 275, jun. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-25542015119291>. Acesso em: 22 maio 2021.

RAMOS, Sílvia Nunes. *Música da televisão no cotidiano de crianças*: um estudo de caso com um grupo de 9 a 10 anos. 2002. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/3945>. Acesso em: 22 maio 2021.

RODRIGUES, Silvia Adriana; BORGES, Tammi Flavie Peres; SILVA, Anamaria Santana. "Com olhos de criança": a metodologia de pesquisa com crianças pequenas no cenário brasileiro. *Nuances*: estudos sobre educação, Presidente Prudente, v. 25, n. 2, p. 270-290, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.14572/nuances.v25i2.3188>. Acesso em: 27 maio 2021.

SILVA, Anamaria Santana da. Resenha do livro Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças (FARIA, Ana Lúcia G. et al., 2002). *Pro-Posições*, Campinas, v. 15, n. 2 (44), p. 233-236, 2004. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2257/44-resenhas-santanasilvaa.pdf>. Acesso em: 27 maio 2021.

SOUZA, Jusamara. Aprender e ensinar música no cotidiano: pesquisas e reflexões. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Aprender e ensinar música no cotidiano*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

SOUZA, Jusamara; TORRES, Maria Cecília de Araújo. Maneiras de ouvir música: uma questão para a educação musical com jovens. *Música na educação básica*. Porto Alegre, v. 1, n. 1, out. 2009.

SUBTIL, Maria José Dozza. Mídias e produção do gosto musical em crianças da quarta série do ensino fundamental. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 26, Poços de Caldas, 5 a 8, outubro, 2003. *Anais...* Poços de Caldas: ANPED, 2003. Disponível em: <http://26reuniao.anped.org.br/trabalhos/mariajosedozzasubtil.rtf>. Acesso em: 22 maio 2021.

UBC. *Autores ganham espaço no Spotify*. 2018. Disponível em: <http://www.ubc.org.br/publicacoes/noticias/9063>. Acesso em: 22 maio 2021.

VIEIRA, Josênia Antunes. O uso do diário em pesquisa qualitativa. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, n. 5, 2001/2002. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/9244>. Acesso em: 22 maio 2021.

## APÊNDICE

### TERMO DE CONSENTIMENTO

Este termo refere-se à participação de \_\_\_\_\_ na pesquisa de graduação intitulada: *Construção das preferências musicais na infância*, sob a responsabilidade da pesquisadora Carolina Cason da Silva, orientada pela Profa. Dra. Cíntia Thais Morato, da Universidade Federal de Uberlândia.

Pretende-se com essa pesquisa compreender os aspectos envolvidos na construção das preferências musicais na infância, identificando as músicas ouvidas por Felipe, aquelas que o agradam ou não, os contextos e situações em que ele vivencia música, bem como as fontes de onde procedem as descobertas musicais dele.

A pesquisa será realizada a partir de um estudo de caso com Felipe em seu cotidiano familiar. Portanto, os momentos não serão pré-planejados, mas acontecerão no dia a dia, no convívio habitual, contando com lembranças anteriores a pesquisa, observações, diálogos e interações que serão realizadas no segundo semestre de 2019 e início de 2020.

Uma cópia deste Termo de Consentimento ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa você poderá entrar em contato.

Uberlândia, Outubro de 2019.

\_\_\_\_\_  
Carolina Cason da Silva (pesquisadora)

\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Cíntia Thais Morato (orientadora)

Estou de acordo com a participação de \_\_\_\_\_ na pesquisa citada acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

\_\_\_\_\_  
(mãe)

\_\_\_\_\_  
(pai)